



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

PAULA MARIA VALDETARO RANGEL

**HOMEM E INTERNET MÓVEL: MUNDOS
CRIADOS ENTRE DEDOS E CLIQUES**

**Vitória
2014**

PAULA MARIA VALDETARO RANGEL

HOMEM E INTERNET MÓVEL: MUNDOS CRIADOS ENTRE DEDOS E CLIQUES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, com requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciana Vieira Caliman

**Vitória
2014**

Aos meus avós, de quem herdei toda vontade e dom de criar.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui, digo, a escrever os agradecimentos, não é tarefa fácil. Ao mesmo tempo que sinto um enorme alívio de enxergar a linha da chegada, sinto um medo de finalizar esta fase da minha vida. A escolha do mestrado exigiu abrir mão de diversas coisas, de atrasar alguns planos, de adiar outros, de passar alguns apertos e superar muitas crises. Apesar dos percalços, sinto que saio dessa experiência – será possível mesmo sair? – muito diferente de quando entrei: com um cabelo enorme, alguns quilos a menos, muitos amigos a mais e histórias e aprendizados...

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Luiza Celina e Luiz Paulo, que me deram sempre todo o suporte para que eu pudesse investir nos meus estudos. Obrigada por acreditarem na minha capacidade e por terem a paciência de esperar os frutos dessa longa jornada. Agradeço também aos meus irmãos, Maria Cristina e Olympio, por me divertirem e me acolherem em tempos nem sempre tão ensolarados.

A Bruno, meu companheiro, que me ouve, me apoia e me incentiva. Juntos somos mais fortes, sempre.

Aos melhores amigos que a vida pode me proporcionar. Gabriel, Guilherme, Danielle, Lucia, Samya, Andressa, Priscilla, Ádila, Juliana... Obrigada pela compreensão, pelos lanches desestressantes, caminhadas no calçadão, mensagens no Whatsapp, acolhimento, chazinho, parcerias, tretas e planos. Sem vocês não teria graça.

Aos professores do Programa de Pós Graduação de Psicologia Institucional da Ufes, dos que foram e dos que ficaram e aos que chegaram a pouco. Em especial a minha amiga e orientadora, Luciana Caliman, por nossa parceria já durar muitos anos... Obrigada por todo o aprendizado, pelas oportunidades e pela doçura. Agradeço de coração a Ana Paula Louzada com um recado: sem aquele almoço, pouco ou pouquíssimo de mim estaria aqui. Gratidão. Às queridas Leila Domingues e Cristina Lavrador: obrigada por seus sorrisos, brincadeiras e conselhos. As secretárias mais fofas dessa Ufes inteira, Soninha e Silvia, por quebrarem tantos galhos e por acolherem sempre com carinho. E café.

A Regina Favre, pelo exemplo, pelos ensinamentos, por sua força e por sua coragem. Nada disso poderia ter sido escrito sem que eu reaprendesse a andar. Muito obrigada, de coração.

Ao meu terapeuta Luiz “Buião”, camarada que me ensinou a despertar a cabeça e colocar o corpo em movimento. A Paula Mattos, professora de yoga e cuidadora desse corpo que padeceu algumas vezes nessa jornada.

A Livia Pig, Theo e Mario, pelos vinhos, fofocas, dancinhas e festas que vieram e hão de vir! A João José, ranzinza como eu, com sotaque nordestino e coração gigante.

A Nathalia Domitrovic, pela parceria de pesquisa que também dura há um certo tempo – não entreguemos nossas idades! -. Por sua delicadeza, por sua atenção, pela companhia de viagem!

A Mariana Moulin, que me permitiu ouvir e me ouviu tantas vezes. Ainda nos devemos aquela saída!

Aos amigos da Turma 6! Que bom encontro da vida! Que gente bonita, que amoleceu meu coração antipático (não é mesmo, Janice e Ana Segatto?!). Estar com vocês me fez aprender muito, me fez querer estar mais perto ainda, me fez acreditar em coletivos novamente. Muito obrigada, por tudo. A Thiago Souza, membro flutuante de nossa turma, obrigada pelas viagens filosóficas, pelas músicas e pela força!

A todas as pessoas anônimas – ou não – que fazem da internet essa loucura apaixonante, que me trouxe até aqui e me fez escrever este relato. Keep rocking!

Agradeço imensamente a todas as pessoas que acreditam e investem no ensino público. Me despeço da academia – por um tempo – após 9 anos ininterruptos de estudo, vivências e muitas alegrias. Sou eternamente grata a todos os funcionários, colegas e professores que fizeram e fazem parte da minha vida e que apostam na produção de uma educação para a vida e para todos.

Até logo, Ufes! Au revoir!

HOMEM E INTERNET: MUNDOS CRIADOS ENTRE DEDOS E CLIQUES

RESUMO

A presente dissertação de mestrado propôs a pensar sobre como, na contemporaneidade, o sujeito munido de aparelhos conectados à internet móvel produz o mundo e se produz concomitantemente neste processo. A internet móvel, por sua quase onipresença em nossas vidas e espaços, chama a atenção e se faz vetor importante na constituição dos sujeitos e do mundo na atualidade. O que se faz visível, sensível e instigante nessa pesquisa é que estar (o tempo todo e em todos os lugares) em rede parece ser um veredito: estar em rede constitui a presença contemporânea. Os corpos, conectados uns aos outros, compartilham suas vidas, seus costumes, o que comem, o que vestem, onde vão, com quem estão e neste compartilhar criam-se, recriam-se. Realizou-se portanto, nessa dissertação, uma pesquisa teórica que se dispõe em três partes principais. No primeiro momento, discute-se sobre a composição da subjetividade contemporânea e a construção dos sujeitos na atualidade, sendo Rolnik e Guattari, Kastrup e Favre os principais autores intercessores. Ressalta-se a presença dos planos de forças e formas, como constituintes da realidade constantemente modificada e recriada. No segundo capítulo, discute-se a relação homem e técnica, partindo das considerações de Liliana da Escóssia, dialogando com autores como Lévy, Negri e Latour e afirma-se a defesa de se pensar e analisar a relação homem-técnica a partir de uma concepção ontogenética, na qual dá-se ênfase a processualidade desta relação. No terceiro e último capítulo, a discussão gira em torno da internet móvel e seus desdobramentos no contemporâneo: seu uso e as transformações dos sujeitos, do ambiente e da própria tecnologia. Lúcia Santaella e André Lemos aparecem como os principais debatedores. A alteração no uso do espaço público é a principal característica debatida por tais autores, abarcando temas como mobilidade urbana, espaços intersticiais e mídias locativas. Bruno Latour é o intercessor teórico central nas discussões de Lemos e Santaella, especificamente por sua teoria ator-rede. Destaca-se neste capítulo, a necessidade de análise e observação dos efeitos advindos do acoplamento com a internet móvel. Conclui-se que a relação homem-internet móvel é vetor de subjetivação marcante no contemporâneo e que esta relação é marcada pela velocidade, por transformações nos modos de ser, de se relacionar com o espaço, de estudar e de se relacionar com mídias de comunicação. Aponta-se para o viés da co-emergência dos sujeitos e da própria internet móvel, que não pode ser qualificado como bom ou mau, mas demanda um estar atento aos rastros e à agência de humanos e não humanos na construção da subjetividade contemporânea.

Palavras-chave: Internet móvel. Subjetividade contemporânea. Tecnologia. Cibercultura.

MAN AND MOBILE INTERNET: WORLDS CREATED BETWEEN FINGERS TIPS AND CLICKS

ABSTRACT

This dissertation proposes to think about how, in contemporary times, the subject provided with devices connected to the mobile internet produces the world and produces himself concomitantly in this process. The mobile internet for its almost omnipresence in our lives and spaces, draws attention and makes important vector in the constitution of the subject and the world today. What is visible, sensitive and thought-provoking in this research is that to be (all the time and everywhere) connected – online -seems to be one verdict: being networked is the contemporary presence. The bodies connected to each other, share their lives, their habits, what they eat, what they wear, where they go, who they are and this share creates and recreate the selves. Therefore, in this dissertation was made a theoretical research, which has three main parts. At first, we discuss about the composition of contemporary subjectivity and the construction of the subject in actuality, being Rolnik and Guattari, Kastrup and Favre the main authors intercessors. We emphasize presence of the forces and shapes ways, constantly modified and recreated as constituents of reality. In the second chapter, we discuss the relationship between man and technique from the considerations of Liliana Escóssia, dialoguing with authors such as Lévy, Negri and Latour and it is stated the defense to think and analyze the technical man-relationship from a ontogenética conception, which gives emphasis to this relationship processuality. In the third and final chapter, the discussion revolves around the mobile internet and its aftermath in the contemporary: its use and transformation of individuals, the environment and the technology itself. Lucia Santaella and André Lemos appear as the main debaters. changing the use of public space is the main feature discussed by these authors, encompassing issues as urban mobility, interstitial spaces and locative media. Bruno Latour is the central theoretical intercessor in discussions of Lemos and Santaella, specifically for his actor-network theory. stands out in this chapter, the need for analysis and observation of the engagement with the mobile internet. We conclude that mobile internet man-vector relationship is striking in contemporary subjectivity and that this relationship is marked by speed, for transformations in modes of being, of relating to space, modes of study and to relate to media communication. Points to the co-emergence of subjects and mobile internet itself bias, which can not only try to qualify as a good or bad use, but be aware of the traces and the agency of humans and nonhumans in the construction of contemporary subjectivity.

Keywords: Mobile internet. Contemporary subjectivity. Technology. Cyberculture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Moebius Strip II, MC Escher	21
Figura 3 - Faces da tensão	24
Figura 4 - Imagem da torcida em um estádio nos jogos da Copa do Mundo da Fifa no Brasil, 2014. 75	
Figura 5 - Cartaz com os dizeres “Desculpem, não temos wi-fi aqui. Por favor, conversem entre vocês”.	76
Figura 6 - Tirinha O pintinho, mais um filho de mãe brasileira.....	77
Figura 7 - Tirinhas Quadrinhos Ácidos	79

SUMÁRIO

1 OS MUITOS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI	12
2 PRODUÇÃO	19
2.1 SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA: DIFERENCIAR E REPETIR	21
2.2 SUJEITO-CORPO: ARTICULAÇÕES NO CONTEMPORÂNEO	29
3 HOMEM E TÉCNICA	41
3.1 AS CONCEPÇÕES INSTRUMENTALISTAS E ANTI-INSTRUMENTALISTAS: “QUEM DOMINA QUEM” 	43
3.2 A CONCEPÇÃO DROMOLÓGICA E OS PROBLEMAS DE SEU CATASTROFISMO.....	47
3.3 A CONCEPÇÃO ONTOGENÉTICA: O VIÉS DA PROCESSUALIDADE.....	52
4 INTERNET MÓVEL, SUJEITO-CORPO E CONTEMPORÂNEIO: UMA DISCUSSÃO..	68
5 CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS	91

*Na ditadura dos corpos
Caminhar se faz no perigo
Afoita entre pedaços
Bato continência
Mas não me alinho
(11 jun. 2014, 10h19min).*

1 OS MUITOS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

Já nascemos em um mar de palavras (BAHKTIN).

O caminhar do pesquisador é sempre constituído de inúmeros vetores e atravessamentos. Construir um problema de pesquisa é um grande desafio, pois o delineamento convoca àquele que pesquisa a fazer escolhas, e, nem sempre elas são claras ou fáceis. Fazer escolhas é algo que só aprendemos no caminhar da vida, e, ao mesmo tempo, é algo que nunca teremos a certeza se realmente sabemos fazer. O aprendizado advindo de cada escolha não nos dá garantia e nem mesmo nos autoriza a deixar o sentimento da coragem permanecer. A cada esquina, a cada dobra, a cada dia que se levanta da cama, é um tiro no escuro. Ser pesquisador é experimentar dúvidas, incertezas, apostas o tempo inteiro. É estar se provando e estar à prova: da pesquisa, dos outros, do orientador, dos autores e conceitos. O caminhar do pesquisador é pantanoso, tem uivo forte de vento, tem momentos de grandes névoas... Quando se está em um período tão curto quanto em um mestrado então, nem se fala. O tempo corre e se arrasta, te dando muitas e muitas rasteiras. O pesquisador experimenta ser “traído” por si mesmo, inúmeras vezes. O caminho, por vezes é povoado, é cheio de vozes e de encontros, fica cheio – até demais – fica insuportável. Também é solitário, desértico, ermo. Assim, também insuportável. São mistos de sentimentos e de momentos tão extremados que confunde, desespera, anima, alegre, desespera, trava... Mas, finaliza.

Escrevo isso tudo para tentar dizer onde – ou quando – acredito que minhas ideias aqui “provadas” e “postas à prova” tenham nascido. Alguns vetores e alguns atravessamentos seguem este texto. Nem todos que me trouxeram aqui estarão presentes nas palavras que compõem esta dissertação, porque não conseguiria cartografá-los ou, antes mesmo disso, de senti-los de forma a racionalizá-los em pensamento... Portanto, o que apresento nas linhas abaixo é uma tentativa. Sendo pesquisadora, assumo a postura da tentativa, ainda com ressalvas e medos – de dizer como cheguei e o que construí nestes dois anos de estudos.

Toda apresentação tem que partir de algum ponto. Como já dito mais acima, partimos de vários pontos, de uma grande miscelânea de tipos, tamanhos, cores e textura de pontos. Pontos que em conjunto formam linhas, linhas que em conjunto

se entrecruzam: encontros de pessoas, objetos, lugares, experiências. Contar um pouco do caminho da *elaboração do problema de pesquisa* – as famosas “hipóteses” – e seus *desdobramentos* – também conhecidos como “resultados”, é também dobrar-se sobre uma história, remexendo nas gavetas da memória. É espirrar um pouco, é se emocionar, rir sozinha, zangar-se também... Para, enfim, clarear as vistas – como diria minha vó – e colocar no papel um recorte do começo, meio e fim desta jornada.

Ao contar uma breve história de uma ideia que nasceu já há algum tempo, arrisco dizer que a curiosidade que instiga esta pesquisa me acompanha desde a época da graduação. No caminho da formação de psicóloga, fui me embolando com outras histórias, na academia e também fora dela, experimentando diferentes facetas dessa ciência, diferentes saberes e fazeres psi. Já naquele tempo eu tinha um germe de pergunta, uma inquietação com o tema, que ainda não tinha uma forma exata. Nem sabia se queria mesmo ou se sabia mesmo pesquisar. Pensando mais um pouco, digitando aqui essas palavras, puxo na memória tempos mais antigos, e, voltando ao meu passado, quando, dentre meus muitos brinquedos, o computador figurava como um dos que me permitiam soltar a imaginação, juntamente com minhas colagens, recortes, cola colorida, papéis e canetinhas. Recordo de ter uns 7 ou 8 anos de idade, ligava o PC,¹ e procurava diretamente ir desenhar no PaintBrush...² Se enjoasse dos desenhos, poderia utilizar alguns dos cd-rom³ da biblioteca de casa, nos quais eu fazia visitas guiadas ao Louvre, explorava o fundo do mar ou ainda descobria como as coisas funcionam. Essas brincadeiras datam lá do começo dos anos 1990... Já se vão vinte anos. E desde então, posso afirmar que, ligar o PC e descobrir e construir mundos se tornou uma atividade incessante, ganhando cada vez mais espaço no meu cotidiano.

¹ PC: um computador pessoal ou PC (do inglês Personal Computer) é um computador de pequeno porte e baixo custo, que se destina ao uso pessoal ou por um pequeno grupo de indivíduos. A expressão "computador pessoal" (ou sua abreviação em inglês PC, de "Personal Computer") é utilizada para denominar computadores de mesa (desktops), laptops, PDAs ou Tablet PCs executando vários Sistemas Operacionais em várias arquiteturas (WIKIPÉDIA).

² Paint: software utilizado para a criação de desenhos simples e também para a edição de imagens. O programa é incluso, como um acessório, no sistema operacional Windows, da Microsoft, e em suas primeiras versões era conhecido como Paintbrush (WIKIPÉDIA).

³ Os CD-ROM podem armazenar qualquer tipo de conteúdo, desde dados genéricos, vídeo e áudio, à conteúdos mistos. Os leitores de áudio normais só podem interpretar um CD-ROM, caso este contenha áudio (WIKIPÉDIA).

Afirmo isso porque cresci em um meio, digamos, *tecnológico*. Sendo meu pai engenheiro eletricista, desde criancinha tive acesso a todas essas aparelhagens e engenhocas tecnológicas, às vezes antes mesmo delas se popularizarem nas grandes lojas. Logo, acompanhei com certa intimidade mudanças e desenvolvimento dos aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos. Pude perceber, pouco a pouco, que esta evolução anunciava, com velocidade, que chegaríamos a um tempo de experiências com a tecnologia que seria de extrema diferença em relação a tudo que vivíamos desde então. Algo se anunciava ao final dos anos 1990. Os famigerados anos 2000 se aproximavam e todos aqueles blefes dos filmes de ficção haviam se tornado realidade há algum tempo: computador, estudos em genética, ovelha Dolly, telefone celular, microchips... Para mim então, lidar com os chamados *gadgets*⁴ – ainda que um simples “Meu Primeiro Gradiente”⁵ – não era dificuldade e nem desafio, fazia parte do meu brincar e do meu aprender. Ao crescer dentro desta realidade, meu corpo e meus costumes construíram-se em torno/com este turbilhão de novidades e descobertas, colocando-me em re-fazimento o tempo todo.

Do “Meu Primeiro Gradiente” e tantos outros brinquedos e aparelhagens, cheguei ao meu computador pessoal conectado à rede mundial de computadores, mais ou menos no ano de 1997. Lembro-me perfeitamente de alguns anos depois de uso um tanto limitado da rede – de pensar que ainda não havia nem o Google nesta época! – aos 15 anos de idade, conversar *online* com um soldado americano que havia voltado de Kosovo. Estávamos em um programa de compartilhamento de arquivos (músicas, fotos, vídeos) que também permitia que os usuários se comunicassem em janelas de bate papo individuais ou em grupos, nas chamadas “salas virtuais”. Se durante muito tempo vivemos a distância física e geográfica pensadas como barreiras, naquele momento, aliadas à velocidade e a aproximação territorial virtual permitidas pela *web*, a distância é superada e, de repente, é possível conectar-se em outra língua, em outra cultura, em um clique, em um instante. A superação dessa

⁴ Gadget (em inglês: geringonça, dispositivo), é um equipamento que tem um propósito e uma função específica, prática e útil no cotidiano. São comumente chamados de gadgets dispositivos eletrônicos portáteis como PDAs, celulares, smartphones, leitores de mp3, entre outros. Conhecidos também como gizmos, possuem um forte apelo de inovação em tecnologia, sendo considerados como tendo um design mais avançado ou tendo sido construído de um modo mais eficiente, inteligente e incomum (WIKIPÉDIA).

⁵ Meu primeiro Gradiente: colorido gravador de fitas formato k7, muito popular no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, voltado para o público infantil, da marca de produtos eletroeletrônicos Gradiente. Em 2012, a marca relança a linha “meu primeiro Gradiente”, com produtos novos como tablet, máquina fotográfica digital e tocador de mp3.

barreira me causava estranheza, acompanhada de uma enorme surpresa e encantamento.

Nestes vinte anos em que acompanho e vivo experimentando tantas inovações tecnológicas, observo que a quantidade e a rapidez com que se propagam, se reinventam e com que nos apropriamos delas é impressionante. Na história da humanidade, vinte anos é um curto período para demarcar tantas transformações, principalmente se compararmos aos outros momentos mais antigos, nos quais localizamos a invenção da escrita ou da imprensa, por exemplo. A apropriação dessas tecnologias levou muito mais tempo – séculos e séculos. No entanto, ao final do século XX e no nosso século XXI, experimentamos uma grande aceleração: com uma velocidade que muitas vezes nos atropela, recebemos e absorvemos mudanças a cada dia.

A medicina na atualidade está equipada com tantos aparelhos e “conversa” com tantas áreas da tecnologia que a todo o tempo surge com novos exames, remédios, tratamentos; as crianças tem agora brinquedos cada vez mais interativos, mais intuitivos; nós temos a nossa disposição no mercado da moda roupas que se adaptam ao funcionamento biológico do corpo, tecidos chamados de “inteligentes”; nossos carros tem diversas funções automáticas e são movidos por diferentes combustíveis. A cada momento, novas ferramentas se acoplam ao nosso dia a dia, aos nossos afazeres, e, o fazem sem quase percebermos, sem nos darmos conta.

Essa velocidade que advém do uso das tecnologias – mas também de nossas relações com o trabalho, com o ritmo que é colocado pelo sistema político-econômico – faz com que nossa noção de tempo aperte, que passamos a fazer tudo mais rápido... E, ainda assim nos falta tempo! A incerteza sobre o que ainda poderá ser criado/inventado, nos surpreende quando somos “bombardeados” com novas maneiras, jeitos e formas de constituir/construir o mundo, nos relacionando com *gadgets*,⁶ brinquedos, aparelhos, artefatos, tecnologias de bolso, tecnologias de

⁶ Na Internet ou mesmo dentro de algum sistema computacional (sistema operacional, navegador web ou desktop), chama-se widget, mas vezes também chama-se de gadget algum pequeno software, pequeno módulo, ferramenta ou serviço que pode ser agregado a um ambiente maior. No site iGoogle, por exemplo, é possível que seja adicionado alguns dos muitos gadgets disponíveis. O Google Desktop, o Mac OS X, o KDE e o Gnome, o Windows 7), são ambientes que aceitam alguns tipos de gadgets específicos, acrescentando funcionalidades ao desktop 3 do sistema. Os Gadgets têm função social de status (além da lógica finalidade do aparelho), quando se tratam de

ponta. Esses objetos, com os quais performamos realidades, mediam nossa relação com o mundo (LATOURET, 2012). Os objetos, então, são também actantes na construção da realidade, ou seja: participam de maneira efetiva na composição do mundo, em relação com nós sujeitos, com os ambientes e com a natureza, em processo de incessante transformação.

Como apresento no segundo capítulo, a relação com objetos e com a tecnologia não nasce em nossos tempos atuais, mas adquiriram certa centralidade no contemporâneo. Fernanda Bruno (2003) nos apresenta uma tríade – realidade, homem e técnica – e afirma que essa é condição da construção da subjetividade contemporânea e, em seus estudos, mais especificamente da cognição contemporânea. Denomina, então, que o uso de objetos na atualidade complexificam nosso pensamento e nossa relação com o mundo, num processo que, para além de expansão ou amplificação, produz transformação. Estes objetos e artefatos, Bruno denomina de tecnologias cognitivas (BRUNO, 2003).

Ao me deparar com o trabalho de Bruno (2003), penso nas diversas invenções técnicas e objetos, que sempre me acompanharam pelo caminho da vida. Hoje, mais intensamente, me relaciono por muitas horas por dia com meu computador, conectado à internet. Essas horas, inclusive, ficaram difíceis de serem calculadas, pois além do PC, há alguns anos também uso a internet em outros dispositivos, sendo o mais “antigo”, no telefone celular (também uso tablet, netbook). A internet móvel vem crescendo de maneira assustadora nos últimos anos – me arriscaria a dizer nos últimos 3 a 4 anos, em termos de popularização no Brasil – e é justamente neste tempo que minha curiosidade foi crescendo e o problema de minha pesquisa se delineando.

Desde o começo do meu encontro com a internet, lá na adolescência, lembro de ficar instigada com o *poder* que então se encontrava ali, ao alcance das mãos nas teclas e aos olhos na tela. Estar conectada com o mundo inteiro, com o que as pessoas de outros lugares fazem, dizem, fotografam, ouvem, filmam. Tudo aquilo que eu só tinha acesso nas revistas – como nas leituras da *National Geographic* e da *SuperInteressante* – de repente, estava reunido de maneira cada vez mais

equipamentos ostensivos. Na medida a que se referem, em sua maioria, a equipamentos de ponta e por muitas vezes com preços elevados, a gíria Gadget é referência de produto tecnológico para poucos, embora seja usada de forma genérica quando se trata de software (WIKIPÉDIA).

acessível. A possibilidade de ter uma “enciclopédia” reunida em um só lugar, variadas mídias – foto, música, texto, desenho, gráfico – era totalmente fascinante. Eu começava a perceber que, realmente, a partir dali, conhecer o mundo se daria de uma maneira muito diferente, para mim e para os outros. Para além de ouvir e ler histórias sobre viagens, lugares, comidas, animais, músicas, livros, na internet eu poderia participar mais ativamente deste processo. Hoje, é quase automático pensar que troca de conhecimento pode ser – e é – *online*, no tempo real dos acontecimentos.

Logo, as questões que pulsam durante o percurso deste trabalho e que ainda acompanham minha experiência de sujeito-corpo conectado à web e instigado pela co-produção do(s) nosso(s) encontro(s) são: como então, os sujeitos em rede e acoplados a dispositivos de internet móvel se constituem, se formam e transformam? Quais são as mudanças nos modos de vida atuais, emergentes do acoplamento com essa tecnologia?

Para a tentativa de formar um quebra-cabeças com as pistas que encontrei para responder a esses questionamentos, montei esta dissertação em três partes. Primeiramente, apresento a discussão sobre subjetividade contemporânea e a constituição dos sujeitos, na qual afirmamos a produção de si e do mundo (KASTRUP, 1999) em um plano de forças e formas (ROLNIK, 2014), inundado de estabilizações e desestabilizações e que conta com a ação (LATOURETTE, 2012) de diferentes actantes, humanos e não humanos.

Num segundo momento, no segundo capítulo, trago o capítulo que discute mais intimamente a relação entre humanos e não humanos, ou seja, entre homem e técnica. Parto dos apontamentos de Escóssia (1999) e adiciono a esta conversa outros autores que enriquecem o debate, ora se aproximando da concepção ontogenética – a qual é argumento central do capítulo – e ora se afastando e corroborando com concepções mais duras e fechadas.

No terceiro capítulo, do “campo” da pesquisa, foco na discussão das relações que no contemporâneo temos estabelecido com a internet, mais especificamente, a internet móvel. Novos usos de senso de espaço (LEMON, 2010; SANTAELLA, 2008a, 2008b), catastrofismo e dependência tecnológica (DENNETT, 2014; TURKLE,

2012) e mudanças que resvalam para outros tipos de mídia e transformam a comunicação (SIBILIA, 2012).

Por fim, percebo o quão desafiador é articular as peças deste quebra cabeças. Acreditar nos conceitos que criamos não é uma ação fácil. Compactuar com aquilo que achamos que a palavra faz falar, tentar cercear seus sentidos sem prendê-los em uma caixa preta... Compartilhar os significados que o conceito coloca e orientar a ação – o pensamento, o corpo, as práticas, a produção de conhecimento, as experimentações do mundo – não tem um caminho óbvio. Podemos encontrar algumas pistas, alguns rastros, alguns ruídos. Podemos quebrar a cabeça, queimar um tanto de fosfato, exercitar os neurônios, circular um tanto de ATP, para poder articular os conceitos com metodologias. E ainda assim, o esforço de criar a realidade, e o mundo, estará como questão constante. E é isso que nos move, este é o nosso combustível.

Definir, discutir, conversar e escrever este trabalho me convocou a este exercício constante. Questionar, sem buscar verdades mas, ao mesmo tempo, procurando entender as realidades que se constroem em concretude, força e velocidade, é um trabalho exigente. E árduo. E nada simples. Para começo de conversa, parto dessas colocações. O que parece óbvio aos ouvidos – em determinados ambientes pelos quais circulo e circulei – me desafia no momento da escrita. Se a palavra produz realidade, o que direi aqui é uma realidade, longe de uma verdade, e longe de ser a única. O que experimento, ao longo de minha escrita, é a tentativa de compor com estes conceitos, com este mar de palavras que me atravessam, de maneira que eles aqui recortados, componham com este trabalho, produzindo sentido. Em mim que escrevo e em você, leitor. Latour (2012, p. 189, grifo do autor) define um bom relato como aquele que “*tece uma rede*”. Acredito e corroboro com ele: uma boa tese é aquela que tece uma rede, na esperança de que esta tese siga seu caminho tecendo novas e infinitas redes.

2 PRODUÇÃO

A produção de subjetividade constitui matéria prima de toda e qualquer produção (ROLNIK; GUATTARI, 2005, p. 33).

Na tentativa de criar sentido que guie nossa escrita e análise, iniciamos falando de construção de si do mundo. Duas discussões norteiam este primeiro capítulo: a definição de subjetividade contemporânea e a construção do sujeito – aqui chamado por nós de sujeito-corpo – na atualidade. Estas discussões aparecem como iniciais no caminhar desta dissertação porque delas depende o desenvolvimento dos argumentos presentes nos demais capítulos. É o terreno no qual brotam nossas questões conseguintes, a relação do homem com a técnica e, ao final, a presença e o uso da internet móvel, no contexto urbano e atual.

Na história da evolução sociocultural humana e na construção dos saberes e fazeres, sempre estivemos conectados a diversas tecnologias, em cada época com um determinado nível de desenvolvimento. Desde as mais rudimentares técnicas de cultivo agrícola, passando pelo desenvolvimento da escrita e da imprensa, chegando aos microchips implantados em humanos e animais hoje, somos o que somos porque nossa subjetividade inventou-se ao longo de todas essas transformações. Hoje, no mundo urbano, não é diferente. Engendram-se diversas relações entre o homem e tecnologias⁷ – tecnologias cognitivas, como veremos mais adiante – as quais dentre tantos efeitos e produtos, tem como centralidade o compartilhamento de informação e conhecimento, em níveis globais e velocidades estelares. Falamos de rede, de contato, de comunicação: um mundo multimídia. Isso tudo fala também da constituição de sujeitos, de seus corpos e suas vidas. Significa afirmar que, ao falar desse sujeito, estamos falando do ser humano em relação de construção de si e do mundo, que é incessante e que só é possível na emergência da experiência deste humano-mundo, humano-objeto, humano-conhecimento.

Nortearmos nossas análises ao estabelecermos uma conversa com alguns autores que elegemos como intercessores. Bruno Latour, Paula Sibília, Suely Rolnik, Virgínia Kastrup, Pierre Lévy e Regina Favre são os nomes que configuram os argumentos centrais deste capítulo. Outros autores também aparecem nesta conversa,

⁷ Conceito que desenvolveremos no segundo capítulo desta dissertação.

participando de maneira complementar aos argumentos e ajudando na tessitura da discussão.

Gostaria, no entanto, de inicialmente apresentar uma das autoras intercessoras que me é muito cara: Regina Favre. Favre é filósofa, terapeuta, educadora e pesquisadora auto-sustentada, quer dizer, não está ligada a nenhuma instituição de ensino e pesquisa, tem seu próprio local de pesquisa, ensino e atendimento, o Laboratório do Processo Formativo, em São Paulo/SP. Vem de um longo caminho dentro dos estudos e práticas sobre o corpo, que nasce na Bioenergética, se desdobrando em muitas experiências e descobertas, dialogando também com a Psicanálise. Em meados dos anos 1980, vê-se repensando suas práticas e saberes, na sua incessante busca pelo conhecimento. Nesta época, Félix Guattari está presente no Brasil por diversas vezes e então Favre se vê “contaminada” por seus questionamentos à psicanálise em geral... Tempos depois, encontra com o Pensamento Formativo de Stanley Keleman, com o qual começa uma conversa que se desdobra em uma longa relação profissional de produção de conhecimento acerca do pensamento formativo e sua metodologia. Em Keleman, Favre encontra ferramentas e caminhos para pensar a realidade como processo ininterrupto de produção, algo que se articulava bastante com as ideias de Guattari. Em meados dos anos 2000, mergulhada em sua formação constante e no desejo de prosseguir formando pessoas podendo, ao mesmo tempo, afirmar sua independência de pensamento, cria seu Laboratório, local que cultiva um pensamento e uma prática do processo formativo, voltados para o cultivo do sentimento de ser parte nos processos de produção da biodiversidade, física e subjetiva. Elenco Favre como uma das principais intercessoras deste capítulo – contribuindo também ao longo do restante da dissertação – pois, a partir do contato com seu trabalho e participando do Laboratório, pude fortalecer, expandir, localizar e configurar ainda mais algumas questões que trago neste texto. Além de um bom encontro no âmbito pessoal, me deparar com seu pensamento influenciou fortemente na construção deste trabalho.

2.1 SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA: DIFERENCIAR E REPETIR



Figura 1 - Moebius Strip II, MC Escher
Fonte: Internet

A artista plástica brasileira Lygia Clark possui uma obra datada de 1963, intitulada “Caminhando”, a qual consiste em uma fita de Moebius⁸ que é cortada com uma tesoura em diversas direções.⁹ Ao cortar a fita, percebe-se que não há frente e verso daquele pedaço de papel, não há começo nem fim. O que é lado de fora também é lado de dentro. Ao cortar a fita, corta-se “dentrofora”, “frenteverso”, “começofim”. Há, no entanto, duas maneiras de se cortar a fita. Em uma primeira vez, corta-se seguindo o fluxo do corte, sem mudar a direção da tesoura ou do papel no ponto do corte. Como resultado temos uma fita que não sofre tantas transformações, que rapidamente se desfaz e a experiência logo acaba, é curta. Numa segunda tentativa, em uma outra fita de Moebius corta-se em diferentes direções. O sujeito que corta vai decidindo, de acordo com o corte, para qual lado vira a tesoura e o papel, até quando não há mais espaço para cortar. Nesta segunda experiência, demora-se mais tempo no cortar da fita, e ela ao final está comprida.

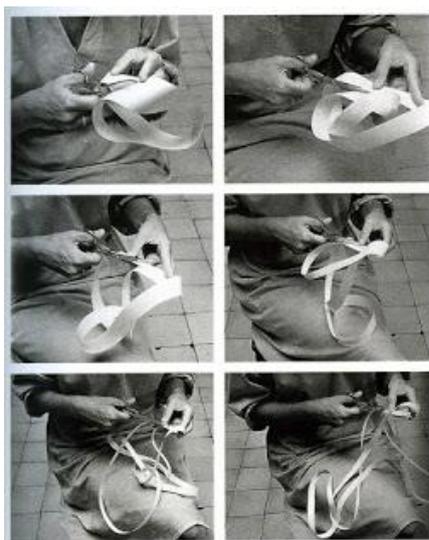


Figura 2 - Moebius
Fonte: Google imagens

⁸ Uma fita de Moebius ou banda de Moebius é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar meia volta numa delas. Deve o seu nome a August Ferdinand Moebius, que a estudou em 1858. A importância do estudo deste objeto, na época, prendia-se à noção de orientabilidade, que não era ainda bem compreendida. Möbius introduziu também a noção de triangulação no estudo de objetos geométricos do ponto de vista topológico. As principais características da fita de Moebius: não é orientável (a orientabilidade de um espaço refere-se à não invertibilidade, como num espelho); é uma superfície com um componente de fronteira; possui apenas um lado e possui apenas uma borda.

⁹ A título de conhecimento e curiosidade da experimentação da obra, indico o vídeo disponível em: <www.youtube.com/watch?v=UMz4pY26b9I>. Acesso em: 14 mar. 2014.

Inspirada por uma palestra de Suely Rolnik (2014),¹⁰ utilizo metaforicamente a experiência de Clark para falar da experiência do viver na contemporaneidade. A fita, para Rolnik e para nós, é uma superfície topológica de um mundo de experiências. Em uma de suas faces, está o campo das formas, na outra face, o das forças. Formas e forças são perpassadas por afecções, a experiência do sujeito é uma experiência sensível, de percepção e afecção, dentro de uma cartografia cultural. Na face das formas, temos o mundo do repertório cultural, do senso comum, o qual experienciamos, muitas vezes, através de nossas percepções e sentimentos que foram construídos colados a modelos, como se em nossas experiências, procurássemos aquilo que nos é mais conhecido, aquilo que parece mais seguro, ou mais aceitável socialmente, ou mais reconhecido... Rolnik nos situa, enquanto sociedade, em uma herança cultural na qual temos um “inconsciente” que ela nomeia de “colonial” – afinal de contas, somos um país/estamos em um continente colonizado – e, neste íterim, em nossas experiências, nos identificamos com aquilo que nos é familiar, e isso reduz as nossas experiências ao que já é conhecido, ao que não abre muitas possibilidades, ao que nos dá estabilidade e território. Esta experiência do senso comum é permeada por hierarquias de poder (colônia e colonizado, por exemplo). Nós somos estruturados na cultura moderno-ocidental, isso é uma certa cartografia cultural, muito diferente dos sujeitos que vivem em uma cidade do Oriente Médio ou da China. A superfície das formas é a chamada face extensiva, é o mundo em sua forma atual, do qual advém nosso poder de avaliação sensível, psicológico e cultural.

A face das forças diz respeito a um oceano de vetores, é a face do “vivo”. São forças em relação: com o mundo, com o sujeito, com os objetos. É uma face conduzida pelas forças que incidem no corpo vibrátil de cada um. É relacional, ou seja, não há sujeito e objeto apriorísticos. São feixes de forças se relacionando o tempo todo e que dão a dimensão da experiência do mundo em mim. A face das forças é a face intensiva, inundada pelo percepto (DELEUZE; GUATTARI, 2010), um estado que abre novas maneiras de ver e experienciar o mundo (experiência estética). A face das forças é ainda perpassada pelas afecções, nossas emoções vitais, a vida que se produz incessantemente no nosso corpo (experiência clínica). Afectos e perceptos nos provocam sensações, sentimos o mundo.

¹⁰ Evento Multiplicidades no SESC, São Paulo/SP, junho de 2014.

A fita de Moebius pensada na obra de Lígia Clark, nos ajuda a compreender que a vida se faz em meio à tensão entre essas duas faces, formas e forças, e que a vida só existe através das ações que se dão a partir dessas tensões, nunca antes delas. Essa tensão de dupla ação incide o tempo inteiro na subjetividade: no sujeito e também para além do sujeito. Essa tensão evoca o que Rolnik (2005) nomeia de políticas do desejo.

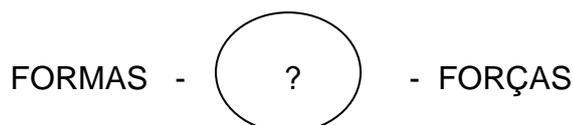


Figura 3 - Faces da tensão
Fonte: da própria autora

Nessa política do desejo, há no desejo uma ação, que procura nos dar “equilíbrio” a partir desta interrogação, que decorre da tensão entre formas e forças. Esta interrogação é motora da criação, que não se gruda em nenhum dos dois polos. Esta interrogação é mediada por qualquer coisa, podendo ser uma obra de arte, um livro, um outro objeto qualquer, uma pessoa, um grupo, uma vivência.

Nesta interrogação ainda, Rolnik (2005) aponta dois modos de micropolítica, ou seja, de produção: a ativa e a reativa. A micropolítica ativa do pensamento é caracterizada como relacional – ou seja, sempre se produz em meio à relação, não permite apriorismos; é animista – descentra a subjetividade do humano; antropológica; antropofágica; imanente – é real, é relacionada à vida. Além disso, é guiada pela “bússola ética”. Na micropolítica ativa, os processos de criação e de diferenciação são permanentes, é um modo de pensamento que pulsa e que atualiza. Quando o mundo ou o sujeito se desfaz, quantos outros mundos não são possíveis? Em uma micropolítica ativa, os processos de subjetivação atuam no sentido de cartografar experiências e construções possíveis, não desmoronando tudo aquilo que somos e que conhecemos, mas, não nos conservando como imutáveis nem como blocos fechados, totens a espera de veneração. O sujeito e o mundo em crise não se esfacelam em pedaços, ficando à míngua e sozinhos jogados à própria sorte do destino... O pulso e a atualização deste pensamento permitem a criação de novos territórios de possíveis e a abertura, mesmo em crise,

para novos horizontes. A ativação da bússola ética traz outro regime de experiência: da forma e da força, em conjunto.

Em outro movimento, temos a micropolítica reativa do pensamento, qualificada como identitária – busca a definição de um eu imutável; antropofalocêntrico; ocidental; colonial; moderno; capitalístico; transcendente. É guiado por sua “bússola moral”, em nome da conservação, do estático, do imutável. A subjetividade se reduz à experiência do sujeito, está nele, é ensimesmada, despreza os outros actantes.¹¹ Quando o mundo se desfaz, me desfaço também... Logo, a luta deste pensamento é a conservação do mundo como ele é – e também do sujeito como ele é – pois, dessa maneira, enxergo o que sinto ser possível, me acomodo no conhecido, me territorializo e me fixo, remapeando minha zona conhecida. As desestabilizações vem em forma de crises que abalam o sujeito, mas não produzem novas maneiras de ser ou fazer. Ao se sentir sempre aquém das expectativas – o mapa está pronto e tem suas exigências – o sujeito, perseguido pelos fantasmas e medos principalmente do fracasso, se reacomoda em comportamentos conhecidos e em modelos prontos. Este pensamento tem origem no século XV, junto aos movimentos de colonização, ao nascimento do capitalismo e das subjetividades burguesas, ou seja, o berço em que nascemos, enquanto colônias (nos referindo às Américas). Fomos estruturando nossa cultura, nossos costumes e nossa política nesse quadro, que, na atualidade, se refere ao recalque, à supressão de uma experiência estético-clínica na nossa subjetividade.

Se, ao invés de procurar me reacomodar no conhecido, suportar ficar no ponto de interrogação, um lugar, um momento, um pensamento sem pré-definição, o que poderá me guiar, me trazer um novo território ou uma nova resposta? Para Rolnik (2005), a resposta é a vida. O desejo age de maneiras nas quais o mundo que está aí pode ser respirado e permite que ele se atualize de outras formas. A vida é ética, a vida é criação. Afirmar que a vida é ética é afirmar que a construção do sujeito e do mundo é necessariamente um conjunto de forças que não pode ser polarizado ou dicotomizado. Com isso, damos ênfase a um conceito de vida revolucionário, potente, afirmador. Quando o homem e o mundo são colocados no mesmo plano, como na fita de Moebius, temos produção e invenção, formas e forças. Ganham a

¹¹ Sobre actantes, ver o segundo capítulo desta dissertação.

cena os processos, que pedem ser olhados com mais calma e paciência, sem a pressa de predefinições, sem o imediatismo da micropolítica reativa, de classificações e verdades.

A garantia de uma micropolítica processual só pode – e deve – ser encontrada a cada passo, a partir dos agenciamentos que a constituem, na invenção de modos de referência de modos de práxis. Invenção que permita elucidar um campo de subjetivação e, ao mesmo tempo, intervir efetivamente nesse campo, tanto em seu interior como em suas relações com o exterior. [...] dependerá de sua capacidade de se articular com os agenciamentos de enunciação que assumam sua responsabilidade no plano macropolítico (ROLNIK, 2005, p. 38).

Assim, deixamos de lado os comportamentos prêt-à-porter (ROLNIK, 1997) que tanto nos seduzem e alimentam. A subjetividade contemporânea é dotada de uma característica revolucionária, potente, afirmadora da vida porque busca, mesmo em meio a todo o sistema capitalístico que nos sabota e nos engole o tempo todo, criar espaços possíveis para pensar este engendramento na criação do sujeito, do mundo, da história, da cultura, da sociedade... É a busca de afirmar um conceito que possa criar espaços e fugir das hegemonias, da homogeneização, da superficialidade, das máquinas de reprodução, dos sistemas de imitação, das idealizações, uma autonomia do possível, disse Guattari (1986). Buscando estes espaços, o sujeito resiste, cria, transforma.

Tais mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular com o tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho e com a ordem social suporte dessas forças produtivas. Se isso é verdade, não é utópico considerar que uma revolução, uma mudança social em nível macropolítico e macrosocial, concerne também a produção de subjetividade, o que deverá ser levado em conta pelos movimentos de emancipação (ROLNIK, 2005, p. 34).

O sujeito-corpo articula-se com o tecido urbano, tramando junto a ele, se transformando, se deformando, se esticando, se encolhendo. Esta articulação deixa seus rastros, retalhos, como pistas e pegadas para uma investigação. Conseguimos assim saber por onde ele passa, por onde ele circula; o sujeito é produtor e consumidor, ao mesmo tempo. Na subjetividade contemporânea, o mundo é capitalístico, este é o modo de produção vigente e a subjetividade está aí, corroborando com este movimento, produzindo, afirmando, lutando contra, escapando. A questão não está simplesmente em como fugir da relação homem-capital, mas na busca de possibilidades e oportunidades para que este corpo, ao co-

corpar com outros sujeitos e ao se co-engendrar com outros actantes, com os ambientes e com os acontecimentos, consiga criar outros modos de existência que ganhem espaço e se fortaleçam neste cenário da vida contemporânea.

Favre (2013) nos lembra que, para o modo de produção capitalista não mais interessa produzir apenas sujeitos que sejam consumidores de bens. O capitalismo agora se nutre da constante produção de estilos de vida. Ao mesmo tempo em que aterroriza as pessoas numa ameaça de exclusão, como por exemplo através da propaganda e venda de modelos ideais de vida, também nos oferece “contornos existenciais” com estes mesmos produtos. Ao grudar-se nesses ideais e assim sair em incessante busca de alcance destes modelos, o sujeito não se atenta a esta captura, sentindo que “[...] todo o tempo que poderá ser excluído das redes de sentido e enlouquecer, excluído das redes econômicas e cair na miséria, excluído das redes da vida e morrer” (FAVRE, 2013). Por conseguinte, sua vida é regida por estes modelos e ideais, que falsamente “podem” incluir este sujeito, criando, aparentemente, um “[...] continente para essa angústia gerada pela ameaça do esfacelamento dos corpos” (FAVRE, 2013). Há também neste funcionamento uma constante ameaça à criação, um imediatismo ditado pelo mercado e sua exigência de aplicabilidade dos saberes, ameaçando e indo na contramão dos processos de criação na arte e no pensamento (CAIAFA, 2000). Em suma, vivemos numa aceleração total do capitalismo e “[...] a gente hoje não existe sem nada em que não faça parte um signo qualquer que o inclua, que o mobilize e que segure sua angústia nessa deriva constante que a gente vive” (FAVRE, 2013).

Por outro lado, estar vivendo neste momento também é estar em contato com vetores que produzem diferenças e desvios, combatendo – não através de um modo contracorrente, como foi a contracultura dos anos 1960/1970 – esta captura. Entendemos que “[...] esse desenvolvimento da subjetividade capitalística traz imensas possibilidades de desvio e reapropriação” (ROLNIK; GUATTARI, 2005, p. 53). No combate às subjetividades prêt-a-porter, é preciso construir passagem e garantir que os processos de singularização se fortaleçam. É

[...] uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzem uma subjetividade singular (ROLNIK; GUATTARI, 2005, p. 22).

No mesmo sentido, Favre (2013) enfatiza que os corpos – os sujeitos – podem se perceber e influir na própria modelização, sendo agentes da produção de si, agentes da produção de diferença. Os corpos se percebem na medida em que entendem fazer parte de uma grande ecologia, que contempla os outros corpos, os ambientes, a história, as realidades, o planeta: tudo isso. Propõe assim um processo de formação do sujeito mergulhado no contemporâneo, que visa cultivar a capacidade de agir sobre si e produzir, então, torções que quebrem e desestabilizem comportamentos prêta-porter. Isso gera um outro modo de lidar com a libertação dos corpos. Entender o funcionamento do biológico aliado ao funcionamento social dos corpos é a grande ferramenta que Favre se utiliza em seu Laboratório. O que importa é seguir produzindo diferença, e não apenas “liberar sua expressão e sua energia pessoais”, correndo o risco de também aqui cair no vazio das imitações de modelos e formas. Mas produzir diferença potente, formas e usos de si que deem condição para se conectar com o mundo e os ambientes, mantendo a agregação de si. Este si é referido ao sujeito, mas não se reduz a uma experiência individualista, voltado para a ascensão social de um suposto eu que chegará a um apogeu psicológico, como podemos “comprar” em muitas teorias e práticas nas ciências humanas e biomédicas. A produção da diferença é um processo extremamente fino e artesanal, muito contrário dos movimentos expressivos dos anos 60, por exemplo, onde nascem muitas correntes fortes da psicologia. O sujeito que é corpo biológico e social, ao agir sobre si, dando passagem aos processos de produção de diferença e estando aberto a vetores de afectos e perceptos, age no funcionamento onde “menos é mais”, no minimalismo, no “[...] trabalho paciente e artesanal de estabelecer uma conversa entre [...] formas dos corpos e seus territórios” (FAVRE, 2013).

Esta artesanaria de agir sobre si – em consequência e concomitância fazer o mundo – é tarefa primordial no processo inventivo e criativo, convoca um sujeito-corpo que trabalha na micropolítica ativa, para que os processos de diferenciação sejam garantidos ou, ao menos, possibilitados. Se estamos imersos em ecologias, contamos com diferentes agências de diferentes atores/actantes (LATOURETTE, 2012). Ou seja, a ação sobre si performada pelo sujeito está acompanhada de diversos outros processos, que não pertence somente a ele e não dependem só dele. Os objetos e os ambientes participam ativamente da construção deste sujeito e do

mundo. Este pensamento é revolucionário, pois afirma uma micropolítica ativa, animista e imanente, na qual “[...] a subjetividade coletiva não é resultante de uma somatória de individualidades individuais. O processo de singularização da subjetividade se faz emprestando, associando, aglomerando dimensões de diferentes espécies” (LATOUR, 2012, p. 46).

Os estudos da produção da subjetividade não querem mostrar que há influência do meio ou, antes, de objetos sobre o sujeito. Trata-se, aqui, ao contrário, de uma operação muito mais radical, pois esse campo constitui também os objetos, aí incluídos os objetos técnicos. Sujeito e objeto emergem desse fundo, de uma rede de limites indefinidos, em constante processo de transformação de si mesma (KASTRUP, 1999, p. 177).

Para Passos (1992) a subjetividade é um conceito híbrido por excelência, pois descreve nem essência nem natureza, mas diz respeito a um processo de produção de si, que é realizado no encontro de componentes heterogêneos, matérias distintas ou vetores de existencialização diversos, como quando falamos da distribuição da ação entre os actantes, nos estudos de Latour (2012). Não nos reduzimos somente às relações familiares, aos acontecimentos da infância, aos componentes biológicos... Incluímos nesta operação de construção da realidade também as relações estabelecidas incessantemente com os meios de comunicação, as novas tecnologias, o espaço, a cidade.

2.2 SUJEITO-CORPO: ARTICULAÇÕES NO CONTEMPORÂNEO

O sujeito-corpo, então, neste ínterim, vive e se constrói mergulhado em hibridismos. Luta para prosseguir com sua vida e se constitui através de seus vínculos, de suas relações. O tempo todo atualiza suas formas, dando passagem para os vetores de força, construindo camadas de experiência e memórias, produzindo comportamentos, modos de ser e estar. O tempo do orgânico – do corpo biológico – se atualiza no contemporâneo, na superfície topológica do acontecimento. O sujeito-corpo atual é um sujeito em rede, em contato, em comunicação e trocas contínuas, heterogêneas, de maior ou menor conexão e sentido, mas sempre em rede. Para Latour (2012, p. 189, grifo do autor), uma rede “[...] não designa um objeto exterior com a forma aproximada de pontos interconectados, como um telefone, uma rodovia ou uma “rede” de esgoto [mas é a] capacidade de cada ator de *induzir* outros atores

a fazer coisas *inesperadas*". Segundo Latour (2012, p. 194) ela é o "[...] traço deixado por um agente em movimento [...] é uma ferramenta que nos ajuda a descrever algo, não algo que esteja sendo descrito". Aqui, brincamos com o uso da palavra nas duas acepções: a rede como um objeto de pontos interconectados (como a rede mundial de computadores) que funciona como uma rede, no sentido latouriano: rede de mediações, ator-rede.

Logo, um corpo não se resume a relações pré-arranjadas, mas se constrói através das conexões e afecções com o mundo. As afecções, ao invés de determinarem os encontros possíveis, geram, efetivamente os encontros. São as afecções que constroem um corpo na medida em que a constituição dos corpos se apresenta, desde sempre mesclada, matizada, tatuada pelas afecções (MORAES; MANSO; MONTEIRO, 2009, p. 788).

O sujeito-corpo é marcado – tem inscrito no corpo – pelas relações que estabelece. As afecções permitem a co-emergência dos sujeitos no encontro, emergência esta que permite o co-corporar, habitar um ambiente em aprendizado com outros corpos e co-engendrar relações com objetos e ambientes. O estabelecimento dessas relações não é de antemão previsto pelo sujeito-corpo. Diversas dimensões e vetores de forças estão em jogo.

A constituição dos sujeitos-corpos se dá em meio a um grande mar, de políticas do desejo, de capturas, de rompimentos. Mergulhados na contemporaneidade, do tempo que é corrido, das multitarefas, dos multitrabalhos, casa, família, automóveis, metrô, comida congelada, fast-food, fast-fashion, habitar uma vida é resistir às capturas.

Pensar na grande rede que é a subjetividade contemporânea, abrindo sua teia de nós e conexões, vamos traçando alguns caminhos possíveis, procurando por pistas e rastros para trazer à tona estes processos que atravessam os corpos, produzem conhecimento e transformam a vida. A produção de diversas sociabilidades, nas quais sujeito, objeto e a história compõe um mesmo cenário.

Ao nos atentarmos para esta construção, o sujeito-corpo se desloca de uma centralidade iluminista e aparece ao lado do mundo, no qual ele produz e interfere, não sendo "o" senhor dos acontecimentos, mas um dos actantes que o produzem coletivamente (LATOURE, 2012) que não centraliza a ação, não a domina nem a monopoliza. A agência é distribuída, existem diferentes figurações para as mesmas

ações. Na teoria ator-rede, a noção de mediação é importante para compreendermos que a relação entre humanos e não humanos se dá em um mesmo plano, não há soberania na ação. Quando digo que um objeto é mediador, estou afirmando que ele age plenamente, que não apenas intermedia meu conhecimento e minha relação com o mundo, mas age ativamente. Ao mesmo tempo, a ação não está nele e nem no sujeito. Sujeito e objeto são actantes e a ação só está presente e só existe em sua relação, não anterior ao encontro e não localizada em nenhum dos “pólos”. “Os corpos não são móveis no espaço. Tudo se faz no encontro dos corpos...” (FAVRE, 2014a).

[...] os corpos são um agregado de ações [...]. São uma tessitura de ações – geneticamente programada, é óbvio, mas que não significa um ‘destino previsível’, porém tendências, mecanismos, dinâmicas herdadas da espécie, do vivo [...]. Os corpos são uma organização para um certo funcionamento nos ambientes. Essa organização é o que a gente chama de corpo (FAVRE, 2013).

O sujeito-corpo é o que pensa e age no mundo. O homem pode modelar suas ações e agir sobre si e não age sozinho, pois “[...] não é só **corpar**, é **co-corpar**, porque os corpos fazem junto, a si e a seus ambientes” (FAVRE, 2014a). Varela (2003) defende a existência de uma cognição encarnada, na qual afirma que o cérebro existe no corpo, desestabilizando a noção de mente. Afirma ainda que este corpo existe no mundo, agindo sobre ele, permanentemente. E é somente a partir dessa atividade permanente que construímos realidades (VARELA, 2003). Moraes (2009) corrobora com este pensamento, quando defende que o corpo não está dado, fechado, isolado, pelo contrário: possui fronteiras permeáveis, maleáveis, a serem descobertas. Os corpos são feitos, ou seja, efetuados e construídos através de múltiplas e heterogêneas conexões entre humanos e não humanos: o *enact* dos corpos. Ainda próximos dessa perspectiva, Mol e Law (2003) em suas pesquisas trabalham com a noção do “corpo-que-nós-fazemos” (“the body we do”). Travamos assim um conceito de corpo que é articulado, é o corpo/sujeito que está em ação.

Todas essas definições combatem fortemente uma herança de definições de corpo versus mente, de estruturas internas e mentais como responsáveis por uma “subjetividade” humana. Tal herança se encontra em voga em muitos campos da ciência hoje. Dicotomias e polarizações como indivíduo-sociedade, sujeito-objeto, teoria-prática, natureza-cultura, natureza-artifício são veementemente defendidas por alguns teóricos e linhas de pensamento nas diversas ciências humanas. Este

modo de saber tem origem no século XVIII, quando, para atender aos anseios da purificação dos objetos e entidades nas pesquisas, a ciência se utilizou destas separações para afirmar a importância da neutralidade do objeto em relação ao cientista, estando assim, isolado de suas influências, sendo esta, então, uma forte marca da construção do conhecimento na Modernidade (LATOURET, 1994). Embora tal purificação não tenha sido alcançada, algumas ciências se desenvolveram fortemente ao redor destas dicotomias, como por exemplo, a Sociologia e a Psicologia.

A abordagem clássica da ciência, pautada numa política cognitiva representacional, pressupõe sujeito e objeto como polos prévios ao processo do conhecer e busca leis e princípios invariantes; supõe que científico é aquilo que pode ser reproduzido com os mesmos resultados e garantido por um observador isento ao objeto de estudo. Nessa perspectiva, a experiência do pesquisador está excluída (POZZANA, 2013, p. 327).

Essa perspectiva, além de excluir a experiência do pesquisador, elimina também as interferências dos objetos no ambiente e no pesquisado. Supor que científico é somente aquilo que não pode estar sujeito a interferências é apartar a ciência da experiência, ou seja, da realidade da vida humana. Também nas concepções de corpo, no ramo das ciências médicas e biológicas, aparece esta marca herdada de tais tradições científicas, quando, por exemplo, dizemos que o corpo “carrega” uma mente (ou cérebro) que o comanda. Tal afirmação vai em uma direção contrária ao que apostamos. Se o que marcava o sujeito Moderno era sua oposição em relação à sociedade e sua soberania em relação aos objetos e à natureza, o sujeito-corpo contemporâneo não consegue se repetir para caber nesta definição. Na Modernidade ainda, a técnica e os objetos eram entendidos como produtos da inteligência, habilidade e intenção do homem, servindo para a instrumentalização de seu pensamento/conhecimento. Assim, se assegurava e afirmava o lugar de superioridade perante a natureza, enquanto senhor e possuidor da mesma (DESCARTES apud BRUNO, 2003). O homem então atua em um objeto externo e não sofre nenhuma conseguinte mudança nem transformação nesta relação; é uma via de mão única, na qual homem > objeto.

A separação entre sujeito e objeto, o pensamento e o mundo material, a interioridade e a exterioridade faz da técnica algo que tem origem no sujeito, no pensamento e na vontade humana, mas que reside e atua no mundo material e natural e nele tem o estatuto de um instrumento neutro e positivo (BRUNO, 2003, p. 12-13).

O sujeito-corpo faz-se em rede, conectado a um rizoma de nós e possibilidades. Latour (1994; 2012), ao trazer esta noção de ator-rede, nos ajuda a ultrapassar essa dicotomia de sujeito e sociedade, assim como as tantas outras marcas modernas que previamente comentamos. Esse conceito coloca, em seu fundamento, dois pontos importantes para essa ultrapassagem: o primeiro é que ele abre mão do problema de origem, afirmando o processo de engendramento dos seres e distribuindo sua ação; o segundo é que renuncia a separação do humano e não-humano (são todos atores/actantes), deixando de lado a explicação usual da constituição do social. A sociedade como uma reunião de indivíduos é uma noção totalmente rejeitada pelo autor, que, de outra mão, defende a constituição da sociedade como uma infinidade de arranjos de materiais heterogêneos, que se colocam em fazimento e reorganização constantes. “Toda entidade é efeito de um processo de composições e associações, cuja totalização é somente aparente ou transitória” (CALLON; LAW, 2003, apud ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 302). É sempre contra uma corrente ou dimensão universalizante que se conseguirá construir uma linha singular, pois é nas grandes disponibilidades que o capitalismo investe, interessa “[...] também à sua axiomática que os vínculos sejam os mais precários, que se sorva o máximo no excesso, que a sociedade impeça a duração” (CAIAFA, 2000, p. 25).

Se nos apropriamos aqui da defesa de uma cognição encarnada, é justamente por apostar que o sujeito-corpo participa, a despeito de todo investimento contra produtor do capital, em todo o processo de transformação, na construção de si e do mundo (KASTRUP, 1999). O sujeito-corpo age sobre si, se regula, se modela, se faz, co-corpando nos ambientes em que vive e alterando suas realidades, pois “[...] a invenção não é um processo cognitivo a mais, mas significa um movimento de transformação próprio da cognição, sem que este pressuponha um inventor” (KASTRUP; SANCOVSKI. 2008, p. 167).

A complexidade própria da subjetividade “bagunça” nossos aprioris e nossas certezas. Se o sujeito não está colocado no mundo, mundo esse que seria “pano de fundo” para suas ações, então é preciso acessar este plano no qual as relações entre sujeito, objeto e conhecimento aparecem em co-engendramento. É tentar, de antemão, construir uma sensibilidade e uma atenção aberta no viver. Este é também o desafio da produção de uma pesquisa encarnada.

Para nós, interessa o acesso a um estofado diferente daquele proveniente de uma observação isolada daquilo que observa. Importa detectar a trama que acompanha o ato de conhecer e de criar um mundo, pois assim nos aproximamos do que engendra o pessoal e o coletivo; nos aproximamos do conhecimento concreto e articulado que tem efeitos políticos, éticos e estéticos (POZZANA, 2013, p. 327).

Sabemos que esta não é a maneira hegemônica que rege a cena da investigação contemporânea e as mais difundidas teorias cognitivistas, que, em geral, fogem desse caráter complexo através de “[...] estratégias que constituem o refúgio de positivismo travestido” (POZZANA, 2013, p. 327). Maturana e Varela (apud KASTRUP, 1999, p.166) nos alertam que apesar de afirmarmos uma visão que se diferencia e se afasta do positivismo, não podemos nos furtar de problematizar os pressupostos que ele produziu e ainda produz na ciência moderna, e se lembrar das formas concretas e complexas desta cognição “[...] em que se misturam o natural e o artificial, o individual a o coletivo, as constâncias e as variações, que exigem reformulação de seus pontos de partida”. Para Kastrup (1999), ainda é necessário entender que a cognição inventiva se forma com base no devir, é algo de concretude localizada – ainda que assumam formas concretas, estas são híbridas – e se diferencia constantemente, em agenciamentos de fluxos heterogêneos. Favre (2014a) se utiliza da imagem e da conexão com a biologia, com o cosmos e com o capital para explicitar estes fluxos que atravessam a subjetividade:

[...] quando você fala do universo e do campo biológico, não é que um dia foi. Continua sendo. O molecular, o atômico, jorrando universo, jorrando, do simples ao complexo. Isso dá um outro sentimento. A gente extrai da contemplação da ciência esse sentimento do continuamente produzindo, a gente se sente no processo de babar a si mesmo, de secretar mais de si, sempre, e linhas de continuidade da nossa vida... tecendo os mundos... junto com outras forças ali presentes.

Caiafa (2000, p. 11) em seu livro “Nosso século XXI”, monta um panorama acerca de nossos tempos e situa que, esta época, como todas as outras, “[...] produz também à sombra de si mesma”. Ou seja, para a autora, “Só quando não nos colamos totalmente a nosso tempo, quando conseguimos um afastamento da ordem que qualquer época e sociedade estipulam, é que poderão emergir arranjos sociais transformadores e passagens no tempo que comportem um salto” (CAIAFA, 2000, p. 11). A análise da autora é um tanto quanto pessimista, embora, em alguns momentos do livro, aponte para possibilidades criadoras e potentes da vida, quando fala, por exemplo que “[...] a criação pode ser investida de uma singular força de transformação [...]” (CAIAFA, 2000, p. 12). Um duro, mas “animador trabalho” de

fugir às fatalidades e procurar criar possibilidades criadoras, estranhando o que é fácil, rejeitando conclusões, perseguindo problemas que nos obriguem a pensar, “uma garimpagem no interstício”. É preciso salvar o instante – a experiência, a arte, o pensamento – do consumo, pois o presente capitalista, para a autora, é “raso”. Para salvar este instante, ou seja, salvar o presente de ser raso, é necessário entender que o capitalismo coloca uma constante “superação” do passado – já obsoleto, atrasado – e uma expectativa no futuro, roubando a experiência presente. A única saída, nos parece, é o consumo, e “consumir implica ingressar neste tempo sem densidade, espacializado na ordem social” (CAIAFA, 2000, p. 50).

Embora este século esteja apenas começando – terminamos a primeira década, sentimos e sabemos que as mudanças acarretadas por todas estas situações e funcionamentos vem com uma velocidade assustadora. Um novo sujeito-corpo é convocado a lidar com todas estas adversidades e mudanças, outras subjetividades, menos localizadas e mais pulverizadas e heterogêneas vem aparecendo, “[...] respondendo às exigências da contemporaneidade, ao mesmo tempo que contribuem para gerar e reforçar tais características” (SIBILIA, 2012, p. 47). Essas novas configurações de sujeitos e subjetividades seriam, para Sibilia (2012), mais dóceis e úteis, à sua maneira e ao seu contexto. Com cautela, ela afirma que é preciso tomar cuidado sobre quais docilidades e utilidades são encarnadas pelos sujeitos, pois o cenário é instável, mutante e repleto de contradições, o tempo todo. É fato, no entanto, que os sujeitos que anteriormente eram ensinados e encorajados a serem introspectivos e retraídos em seu próprio psiquismo, hoje estão em outro momento de aprendizado e exigência. Características corporais e performáticas são cada vez mais valorizadas e sua visibilidade é fator importante na constituição destes sujeitos, convocados a se exibirem “[...] em telas cada vez mais onipresentes e conectadas” (SIBILIA, 2012, p. 48). Bruno (2004) fala sobre essa produção de sujeitos cada vez mais conectados, produtores e participantes dessas visibilidades, utilizando a expressão “máquinas de ver, modos de ser”. Para a autora, a relação entre subjetividade e visibilidade ganha novos contornos com as tecnologias comunicacionais contemporâneas, participando da transformação no modo como os sujeitos se constituem e se modulam, “[...] a partir da relação com o outro, mais especificamente com o ‘olhar’ do outro” (BRUNO, 2004, p. 110).

De um lado, weblogs e webcams promovem novos formatos de exposição da vida íntima e privada. De outro lado, circuitos internos de TV, câmeras, chips, bancos de dados e programas computacionais de coleta e processamento de informação expõem as ações e comportamentos de inúmeros indivíduos a uma vigilância quase que contínua (BRUNO, 2004, p. 110).

Outras características se destacam na constituição deste sujeito contemporâneo. No mercado de trabalho, por exemplo, algumas capacidades e aptidões tornam-se exigências para a inclusão deste sujeito. Há, por exemplo, uma grande importância em ter prazer naquilo que se trabalha – um sujeito que tem prazer no que faz, faz melhor e faz cada vez mais. Criatividade, originalidade, espontaneidade também são características valorizadas no trabalhador contemporâneo, tudo, desde que, esteja adequado às necessidades e ordens da empresa/empregador.

Há um paradoxo, ao meu ver, quando se destaca pró-atividade, motivação, empreendedorismo, como boas características de um pretendo funcionário, quando, na realidade, no mundo do trabalho, estas características lhes são tolhidas a todo o tempo. É necessário que o sujeito esteja disponível e aberto, mas que, por outro lado, saiba “seus” limites. Vivemos e produzimos ainda, uma cultura da visibilidade que incentiva e enaltece a superexposição, a “celebritização”, a realização pessoal – que mais parece realização individual – e a satisfação rápida e instantânea... Todo um ideal, corporal, afetivo, cognitivo, profissional.

Essas formas moldantes todas estão em volta de nós, preenchendo todo o espaço da nossa percepção, oferecendo-se para produzir em nós a ilusão de inclusão neste mundo. São formas que não apenas modelam nossa forma somática e existencial, mas nosso desejo de futuro e nossas conexões (FAVRE, 2011).

Para Benilton Bezerra (2002), essas formas moldantes que nos cercam fazem parte de um cenário que privilegia o que ele chama de biosociabilidades, ou seja, esta vivência do sujeito contemporâneo é marcada por uma subjetividade que é “exteriormente centrada”, que foge às experiências de conflito interno, pois está mergulhada numa cultura cientificista – médica, ortopédica, neuroquímica – em detrimento de suas “crenças, desejos e afetos”. Os sujeitos contemporâneos, para o autor, estão cercados de uma iminente noção de risco – como Favre (2011) nos acena, o medo da exclusão e o pavor da morte perante o sistema – e também da perda da dimensão da intimidade e do voltar-se a si, com a exteriorização da vida, em concordância com os apontamentos de Bruno (2004).

Este eu epidérmico, se exhibe na superfície de sua pele e também na superfície das telas (SIBILIA, 2012), construindo um sujeito que se faz através do olhar do outro – personalidades alterdirigidas e não mais introdirigidas, como outrora eram valorizadas, na busca de algo em si mesmo, muito íntimo e profundo, que tornaria cada ser único. Na contramão desta busca íntima, esses sujeitos estão super marcados por traços físicos – biológicos, genéticos, cerebrais e hormonais, fazendo com o que se parece ser, ou se faz parecer ser, seja qualificador de si. Um sujeito que então, se faz pelo olhar do outro, que busca, o tempo todo, sua aprovação. Adapta-se àquilo que o outro diz ser bom, diz ser melhor, diz ser a bola da vez. Kastrup, Tedesco e Passos (2008) nomeiam essas subjetividades como serializadas, ou seja, são sujeitos que se produzem e são produzidos na realização do homogêneo.

Hoje, o ambiente dos corpos não é mais a natureza nem só as relações interpessoais dos pequenos ambientes, mas o mercado que é global. Nascemos, vivemos e morremos no jogo de forças do mercado. E o mercado, diferentemente das forças do poder moral das famílias e das instituições, não vigia e pune como antes, mas exerce uma captura das forças formativas nos corpos.

O mercado age diretamente sobre as forças da vida, sobre o desejo nos corpos. A produção constante de imagem e sentido onde estamos imersos é a própria expressão do mercado. Ele inunda e encharca continuamente nosso espaço somático, agindo através de um duplo jogo: a ameaça de exclusão e a oferta de configuração da nossa forma que continuamente se desfaz sob o efeito da velocidade dessas forças. A ameaça de exclusão significa a desconexão das redes que formam nossa realidade global (FAVRE, 2014d).

Diversos vetores desse mercado atuam – com força, velocidade e ações precisas – sobre estes corpos e são também vetores que compõe este cenário da subjetividade contemporânea: houve uma redefinição, em diversos âmbitos, de instituições, modos de ser, modos de trabalhar, modos de estudar, modos de pensar... A dissolução de algumas durezas do passado, como por exemplo os limites tão bem colocados dos chamados “papéis” da escola e da família, neste composto são remexidos e se encontram confusos.

Ao analisar a escola no contemporâneo em seu livro “Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão”, Paula Sibilia (2012) analisa esta redefinição dos padrões e exigências sociais, mais especificamente na educação. O mercado sempre esteve presente na esfera escolar, desde sua criação, desde seu início. O que muda, com grandes proporções hoje, é que se a escola há vinte ou trinta anos atrás precisava

ser um lugar onde também se emancipasse e criasse indivíduos livres, como diz a crítica de Paulo Freire à instituição escolar que produzia e afirmava opressão, hoje se coloca em outro dilema: aos alunos de nosso século, é preciso oferecer diversão. A velocidade do mercado e novos produtos, a quantidade de novidades e notícias, a publicação intermitente de informação... Todo esse cenário aponta para a produção de sujeitos que cada vez mais demandam entretenimento, pois acostumam-se ao ritmo acelerado da novidade.

Sibilia (2012) nos alerta que o esquema escolar que outrora funcionava e que nós aceitávamos, hoje está claramente esgotado. A autora nos traz o exemplo comparativo das mudanças que a televisão sofreu. A criança que hoje se senta em frente a uma televisão difere, e muito, daquela que assistia a desenhos há vinte anos atrás. A subjetividade que era alimentada pela TV naqueles tempos é completamente diferente da subjetividade que se alimenta hoje nesta sociedade midiática. A televisão de hoje não se encaixa nos moldes antigos, que prezavam por passar “[...] mensagens enquadradas em gêneros específicos e bem definidos [...]” (SIBILIA, 2012, p. 84), que eram transmitidas de maneira estável, com horários fixos e preestabelecidos, com espectadores que observavam, recebiam e interpretavam essas mensagens. Pelo contrário, a TV de hoje se preza ao papel de um fluxo enorme de informações e imagens, descontínuas, fragmentadas e dispersas, cronometradas em um ritmo acelerado de consumo, como o mercado exige. O zapping, ou seja, o troca-troca de canais possibilitado pelo controle remoto, auxilia na busca por esse consumo de imagens e informações. A televisão da atualidade, portanto, alcança um outro patamar muito diferente da TV de décadas passadas: não é um meio de comunicação, mas sim “[...] mais um nó nas prolixas redes contemporâneas de informação” (SIBILIA, 2012, p. 84). A agitação da atualidade é concretamente diferente dos moldes estruturados no passado, mais tradicionais, como podemos observar nas cantigas, contos, histórias, até mesmo nos quadrinhos e em filmes. A infância instituída, com horários para comer, dormir, brincar, ir à escola, hoje está diluída, fragmentada, heterogênea. Os programas de televisão indicados para a faixa infantil são, muitas vezes, confundidos com programas adultos, e vice-versa. Logo, a autora conclui que, assim como as mudanças no âmbito midiático sacudiram a vida infantil neste âmbito, a lógica mercantil e

informacional também dissolveu os discursos e práticas escolares. Se não os transformou completamente, minimamente, os bagunçou.

Podemos, no entanto, nos atentar a uma das principais transformações sofridas por todos nós nas últimas décadas, já descrita anteriormente neste texto. A temporalidade no contemporâneo é vivida de uma forma singular, como nunca anteriormente. A velocidade permeia nosso cotidiano, e parece, às vezes, que “[...] nada começa, nada termina, nada permanece, porque tudo flui velozmente” (SIBILIA, 2012). O sujeito-corpo permeado por esta velocidade conta com algumas interferências tecnológicas em seu cotidiano. A informática ocupa, sem dúvida alguma, um lugar privilegiado nesta mutação antropológica contemporânea, comparável ao que a escrita ocupou por tanto tempo. Por ser um espaço de proliferação de diferentes usos e sentidos, e diferentes produções de realidades, os dispositivos tecnológicos informacionais se configuram como importantes vetores interferentes. Neste ínterim, Jesus (2013) nos atenta para a constituição de um novo regime tecnológico comunicacional. A cena cultural contemporânea gira em torno do circuito midiático. Vivemos uma midiatização da cultura, nos utilizamos de celulares, tablets, câmeras, todos conectados, todos em “rede”. Para o autor, essa midiatização causa “a” mudança, mudança essa que é “despudorada”, que transforma o cotidiano, alterando nossos processos de subjetivação. O uso dessas novas tecnologias no contemporâneo produz novas formas de interação entre os sujeitos, há uma nova forma de se relacionar, por exemplo, com a produção cultural. Sujeitos e tecnologias se organizam em torno de um fluxo: as estruturas de comunicação estão distribuídas em rede, de muitos para muitos. Com isso, o sujeito-corpo apresenta novas formas de presença nos acontecimentos: acopladas às tecnologias são então pluripresenças midiatizadas. Há uma distribuição da presença, estou aqui, lá, em todos os lugares. A tecnologia está nas ruas.

Queremos investigar portanto, como este sujeito-corpo tem se relacionado com estas tecnologias. Se a produção de si e do mundo é co-emergente dos encontros, que usos de si e das tecnologias temos engendrado? Ao nos debruçarmos em estudos sobre o homem e a técnica, encontramos autores que nos ajudam a compreender estas relações. Veremos que tais relações não nascem com a informática e com as tecnologias do contemporâneo, mas acompanham todo o desenvolvimento histórico e cultural humano.

3 HOMEM E TÉCNICA

Do ponto de vista filosófico, importa menos explicar a máquina do que compreendê-la. E compreendê-la é inscrevê-la na história humana, inscrevendo a história humana na vida, sem desconhecer, contudo, a aparição, com o homem, de uma cultura irreduzível à simples natureza (CANGUILHEM, 2012).

A este capítulo destinamos a discussão da relação sujeito e técnica, sujeito-corpo e objeto técnico, que, como vimos na primeira parte de nosso trabalho, produzem a realidade em relação de co-emergência, alterando assim, tanto o sujeito quanto o objeto. Propomos pensá-los como actantes e mediadores, problematizando as visões endurecidas, polarizadas e antropocêntricas que são comuns nos discursos sobre a relação homem e técnica. Veremos que em contrapartida ao projeto de purificação da ciência, sujeito e técnica são análogos a produção de mundo e de realidade, são híbridos. Para tal discussão, elencamos como principais intercessores os conceitos de Liliana da Escóssia (1999) e de Bruno Latour (2012), que serão ferramentas analíticas em nossa argumentação.

As relações estabelecidas entre homem e técnica suscitam discussões que não começam na atualidade. É bem verdade que hoje vivemos um boom de produção e consumo de tecnologias. Aparelhagens e artefatos se espalham por todos os lugares e nós, já embalados pelo ritmo veloz do contemporâneo, nos apropriamos de maneira cada vez mais rápida dos novos usos e das novas relações que estabelecemos com tais artefatos. No trabalho, na escola, em nossas residências e nas ruas, a tecnologia está presente e, algumas vezes, até mesmo acoplada a nós. Nossa experiência do tempo é especialmente interferida e transformada por este acoplamento, estamos o tempo todo munidos de aparelhos e conexões, como por exemplo, o uso de telefones celulares – agora *smartphones* – conectados a redes de internet móvel (wi-fi, 3G, 4G).

Por sua quase onipresença, estes objetos, que aqui nos referiremos, dentre alguns outros termos, por objetos técnicos, apresentam uma “ambiguidade inquietante” (ESCÓSSIA, 1999). Essa ambiguidade se refere a sentimentos de duplo – até mesmo multi – sentido que, ao operar com tais tecnologias, são provocados nos sujeitos. Podemos pensar, por exemplo, no quanto hoje as chamadas tecnologias pós-modernas democratizam o acesso ao saber, mas por outro lado também podem

obstaculizar a participação em determinadas instâncias tecnopolíticas; aproximam diferentes culturas e, ao mesmo tempo, dão visibilidade a particularismos, racismos e preconceitos de todo teor; abrem o leque de pesquisas científicas, das artes, da música, entretanto questionam e rompem as barreiras da dimensão ética; poupam os homens de tarefas pesadas, enfadonhas, repetitivas e contudo também os colocam em relação de competição contínua.

É importante ressaltar, no entanto, que essa ambiguidade inquietante acompanha a relação homem/técnica já há alguns séculos e se apresenta fortemente tanto no debate científico quanto no senso comum. No cerne do desenvolvimento científico e tecnológico fortaleceu-se, desde o século XVIII, o discurso que vinculava o uso da tecnologia ao alcance de uma “vida melhor”. Ao mesmo tempo, com o desenvolvimento do maquinário e a crescente demanda por velocidade e produtividade apontadas pela Revolução Industrial, as máquinas começaram a “substituir” a força de trabalho humana. Neste momento, a máquina passa de elemento/ferramenta/objeto à “indivíduo técnico”, perturbando a relação homem/máquina, que se vê em um dilema: calcada no discurso anterior “da vida melhor”, passa a reexaminar a substituição do homem pela máquina.

Até hoje este sentimento dúbio está presente em nossas relações tão diversas com a tecnologia. Ainda nos sentimos muitas vezes fortemente ameaçados pelas máquinas, e, concomitantemente, vivemos e sentimos os benefícios e melhorias realizados e performados em nossos encontros com elas. Não é incomum, por exemplo, ligarmos a televisão e nos depararmos com alguma notícia ou programa que debata os males do uso do computador e, em um mesmo programa ou em outro canal, assistirmos a filmagens inéditas captadas por câmeras em alta definição que captaram o comportamento de uma espécie rara de pássaro em meio à floresta amazônica, ampliando nosso conhecimento e nosso mundo. Ou a criação de um novo robô que possa realizar o trabalho de 200 camponeses na colheita e plantio... Ou um robô-faxineira, que passa o dia inteiro varrendo sua casa, de modo que o chão esteja todo limpo quando você chega do trabalho. Podemos dizer que este sentimento ambíguo se configura em uma dupla recusa aos objetos-técnicos: ora estão a serviço do homem e são desprovidos de ação, ora tem grande potencial destrutivo ao homem.

[...] na história das relações do homem com a técnica – vimos operar, pela cultura, uma atitude de dupla recusa com relação ao objeto técnico: por um lado, os objetos técnicos são considerados como puros aglomerados de matérias, instrumentos utilizados a serviço do homem e desprovidos de significação; por outro, são vistos como seres autônomos e por isso potenciais inimigos da humanidade (ESCÓSSIA, 1999, p. 66).

Em seu livro intitulado “Relação homem-técnica e processo de individuação” Liliana da Escóssia (1999) busca compreender como foi debatida e pensada a relação homem/técnica desde o Iluminismo. Para tanto, a autora realiza um apanhado bibliográfico de diversos campos do saber, incluindo abordagens psicológicas, filosóficas, sociológicas, antropológicas. Escóssia (1999) organiza uma análise que parte de quatro grandes concepções da relação homem/técnica: instrumentalista, anti-instrumentalista, dromológica e ontogenética. A seu ver, esta divisão não se dá necessariamente de forma cronológica, ou seja, não são sucessivas no sentido de que uma substitui a outra anterior na história, podendo coexistir em um mesmo momento e em uma mesma organização social. Neste capítulo, nos deteremos na análise destas quatro concepções, visando, na montagem de nosso quebra-cabeça, inserir alguns conceitos-ferramentas que nos auxiliem na compreensão das relações estabelecidas entre homem e técnica, homem e internet móvel.

3.1 AS CONCEPÇÕES INSTRUMENTALISTAS E ANTI-INSTRUMENTALISTAS: “QUEM DOMINA QUEM”

A Concepção Instrumentalista está ligada historicamente ao advento da ciência moderna, momento no qual a relação do homem com a técnica se aproxima da relação do homem com a natureza. A técnica adquire uma especificidade: o estudo da realidade pelas ciências é feito, neste momento, através de instrumentos e técnicas. Até o século XVI e meados do século XVII, o pensamento desta relação era na direção de que havia uma imanência entre o homem e a natureza. Com o surgimento do pensamento humanista e mais tarde com seu fortalecimento no movimento Iluminista, o homem torna-se o centro do conhecimento, diferenciando-se da natureza a partir de sua *razão*. O homem agora opera na natureza seu conhecimento, aproximando-se do deus-criador. Para a ciência moderna então,

conhecer é manipular, através da matematização¹² e experimentação da realidade, produtos da racionalidade do homem. Decifrar a natureza para dominá-la e colocá-la sob as rédeas do homem e da razão passa a ser o objetivo do conhecimento. Neste sentido, o homem que descreve a natureza não pode mais pertencer-lhe, pois precisava ser valorizado em detrimento da natureza, para poder afirmar seu direito e dever de explorá-la (ESCÓSSIA, 1999). A sujeição da natureza passa primeiro pela sujeição da própria técnica, encarada como puramente instrumental, impessoal e sujeitada à vontade do humano.

A máquina é apenas um meio; o fim é a conquista da natureza, a domesticação das forças naturais através de uma sujeição primeira; a máquina é um escravo que serve para fazer os outros escravos. Tal inspiração dominadora e escravagista pode ir ao encontro de uma exigência de liberdade para o homem. Mas é difícil libertar-se transferindo a escravidão para outros seres, homens, animais ou máquinas; reinar sobre um povo de máquinas subjugando o mundo inteiro, ainda é reinar, e todo reino supõe aceitação do esquema de sujeição (SIMONDON apud ESCÓSSIA, 1999, p. 26).

Garcia dos Santos (apud ESCÓSSIA, 1999, p. 27) afirma que ao conceber a técnica como neutra, “[...] certamente positiva, subjugada por capitalistas exploradores, reduz todos os problemas das forças produtivas a uma questão de propriedade jurídica dos meios de produção. Consequentemente, basta que o aparelho produtivo mude de mãos [...]”. Com isto, para o autor, mesmo dentro de um sistema socialista, a análise marxista da técnica não foge à posição instrumentalista. Foi através da concepção de uma técnica neutra que se legitimou a organização do trabalho em sociedades socialistas como, por exemplo, na antiga União Soviética. Em tal concepção, suprimem a propriedade privada, mas não a organização da produção do capitalismo; modificam a economia, mas não as relações de trabalho e o próprio trabalho. Em suma, a mudança da propriedade da técnica não garante a mudança de sentido atribuído a mesma. Esta suposta neutralidade da técnica traz ainda uma questão controversa. Se o objeto é neutro, seu uso é consequentemente qualificado a partir do sujeito que o utiliza, o que em muitos casos pode servir de alibi para situações e acontecimentos históricos. “Mesmo no nosso século, quando o domínio da natureza se volta contra os homens (a bomba atômica é um caso exemplar), a neutralidade tecnocientífica permanece intacta. A definição “política” de uma ética da utilização parece solucionar o problema do “mau-uso” (ESCÓSSIA, 1999, p. 26).

¹² Segundo Galileu Galilei, o que é inteligível na natureza, é mensurável e quantitativo (ESCÓSSIA, 1999).

Com o surgimento da cibernética no século passado, não rompemos com o modelo mecanicista e instrumental de pensar a técnica. Segundo Passos (1996), vemos fortalecer-se um neomecanicismo, no qual se conserva a distinção entre sujeito e objeto e dá mais visibilidade ao aspecto objetivo e neutro das ciências e das técnicas, isto é, elas ainda são colocadas em um lugar de servidão e não possuem nenhum poder de ação próprio.

A análise de Nicholas Carr (2011), pode ser vista, em certo sentido, como uma das atualizações da antiga concepção instrumentalista. Para o autor, toda tecnologia é uma expressão do desejo humano. Através de nossas ferramentas, procuramos expandir nosso poder e controle sob as circunstâncias da natureza, do tempo e distância, e até mesmo sobre nós mesmos. Para ele, podemos dividir as tecnologias em quatro categorias, de acordo com a maneira através da qual elas dão suplemento ou ampliam nossas capacidades nativas. Uma primeira categoria abarca tecnologias e ferramentas que estendem nossa força física, destreza ou resiliência, tal como uma agulha de cezir ou um jato de combate. Na segunda categoria, temos aquelas que aumentam a gama ou a sensibilidade de nossos sentidos, como o microscópio e o amplificador de som. Em um terceiro grupo, o autor situa as tecnologias que nos permitem remodelar a natureza para melhor nos servir, como a pílula anticoncepcional e alimentos geneticamente modificados. Um quarto grupo é o que reúne tudo aquilo que expande ou dá suporte aos nossos “mental powers” – para achar e classificar informações, para formular e articular ideias, para compartilhar nosso “know-how” e conhecimento, para medir e calcular, para expandir nossa capacidade de memória – ou seja: as tecnologias intelectuais. A régua de cálculo, a máquina de escrever, o sextante e o globo, o livro, o jornal, a escola, a livraria, o computador e a internet são tecnologias intelectuais. Qualquer tipo de ferramenta que possa influenciar nosso pensamento e nossas perspectivas são consideradas, por Carr (2011), como intelectuais, desde que tenham poder sobre aquilo que pensamos. Um arado que muda a perspectiva do campo do fazendeiro ou o microscópio que abre um leque de exploração mental para o cientista que o utiliza, por exemplo, são, para o autor, tecnologias intelectuais. Essas são nossas ferramentas mais “íntimas” no sentido do pensamento, pois usamos para nos expressar, para construir e moldar nossas personalidades pública e privada, e para cultivar nossas relações com os demais.

Na segunda concepção apresentada por Escóssia (1999), a Anti-instrumentalista, rejeita-se a suposta neutralidade da técnica. Esta é concebida como entidade autônoma, em oposição radical à concepção instrumentalista. Nesta direção, Ellul (apud ESCÓSSIA, 1999) afirma que a técnica moderna se desenvolve com autonomia em relação aos sistemas econômicos e sociais e também às vontades particulares dos humanos. Elas se autodesenvolvem a partir de uma força intrínseca que não depende da intervenção do homem. Ainda segundo Ellul (apud ESCÓSSIA, 1999), há uma espécie de *tecnocosmo*, onde o sistema técnico reúne e unifica diversas técnicas particulares, de todos os domínios e atividades. Em uma direção semelhante, Heidegger define que há um caráter mau e perigoso por trás de todas as técnicas. Em sua conferência *La question de la technique (1958)*, disserta contra a suposta neutralidade da técnica. Em sua opinião, a técnica não deveria ser compreendida como um conjunto de objetos (ferramentas, usinas, máquinas, instrumentos), porque é, em si mesma, um dispositivo: unidade não acidental, potência sobre a qual o homem não tem poder algum e que determina na relação com o homem, o que ele é. Para o autor ainda, sua suposta neutralidade encobre a verdadeira essência da técnica moderna: o arrazoamento.¹³

Existem no entanto, algumas diferenças entre as concepções de Heidegger e Ellul. No primeiro, constata-se uma ambivalência quanto ao caráter determinista da técnica. Por um lado, ela é entendida como algo de essência que tem a finalidade de um destino (*geschich*) e de um perigo (*gefahr*) que leva ao esquecimento do ser. Por outro, é a partir deste caráter que é possível a abertura para o campo de um pensamento rememorativo. Em Ellul, de outra mão, não há ambivalência. O autor afirma claramente o caráter determinista e “perigoso” da técnica. No entanto, ambos concordam que a *techné* é fixada em uma base ontológica, não tendo portanto, caráter processual.

Podemos dizer que, de certa forma, esta segunda concepção acompanha a história das ciências tecnológicas em todo seu desenvolvimento. Por exemplo, ao nos reportar a produção cultural de filmes e livros de ficção científica nos anos 1960 e 1970, como *Blade Runner*, *Admirável Mundo Novo*, *Inteligência Artificial*, *Eu robô*, e

¹³ Do alemão *Gestell*, entendido como “[...] o modo de desvelamento que rege a essência da técnica moderna e que não é em si mesmo nada de técnico” (HEIDEGGER, 1958 apud ESCÓSSIA, 1999).

ainda a literatura cyberpunk¹⁴ dos anos 1990, como Matrix, e dos anos 2000, como Transformers. Todo o imaginário desta produção cultural abarca o grande medo e o horror humano à sucumbir a pretensa autonomia adquirida pelas máquinas, que se rebelariam então, finalmente contra os humanos, já que estariam cansadas de estar somente à serviço destes.

Assim, a concepção anti-instrumentalista adota uma posição de antagonismo em relação à instrumentalista, caracterizando-se principalmente por seu anti-humanismo e o destaque da técnica como potência independente do homem. Ao mesmo tempo, as concepções instrumentalistas e anti-instrumentalistas se aproximam quando igualmente apresentam análises baseadas em dicotomias, fechadas em si mesmas e distanciadas: o homem e a natureza; o sujeito e o objeto. Na abordagem instrumentalista, cabe ao homem decifrar e dominar a natureza, sendo a técnica um conjunto de instrumentos neutros ao serviço da humanidade. Na anti-instrumentalista, desenvolve-se uma forte crítica à suposta neutralidade da técnica, visando destacar o caráter autônomo e soberano das técnicas perante o homem. Em ambos os casos, a relação se resume a um esquema de quem-domina-quem.

3.2 A CONCEPÇÃO DROMOLÓGICA E OS PROBLEMAS DE SEU CATASTROFISMO

A terceira concepção que aborda a relação homem/técnica é denominada por Escóssia (1999) de Dromológica. A origem deste nome vem da palavra em grego *dromos*, que significa corrida. Logo, dromologia é a lógica da corrida, da velocidade, termo cunhado por Paul Virilio. Filósofo e urbanista, esse autor francês realiza, em grande parte de sua produção, uma vasta análise da tecnologia moderna e seus efeitos (VIRILIO, 1993; 1994; 1996a; 1996b; 1999; 2000; 2005). Segundo ele, com a revolução técnica se instaura um novo valor absoluto da técnica: a velocidade, que encurta distâncias e territorialidades e também produz uma quantidade imensa de informação.

¹⁴Cyberpunk é um subgênero da ficção científica, conhecido por seu enfoque de "Alta tecnologia e baixo nível de vida" (High tech, Low life) e toma seu nome da combinação de cibernética e punk. Associa a ciência avançada, como as tecnologias de informação e a cibernética, com a desintegração ou mudança radical na ordem social (WIKIPÉDIA).

A velocidade se articula com a política desde as primeiras revoluções modernas, sendo, para Virilio (1996), sempre um vetor de dominação, desde a ocupação e controle de territórios até os dias atuais, com a internet e o prenúncio de tempos de Big Brother, como George Orwell descreveu. Virilio (1996) propõe ainda que pensemos a Revolução Francesa como um acontecimento que instituiu, para além da oposição cidade/campo, a oposição entre estação/circulação. Com a revolução tecnológica, e em especial com o surgimento da informática, este vetor da velocidade se desterritorializa, a pressa é quem dita o ritmo das mídias, por conseguinte, se nega espaço à reflexão e se intensifica a superficialidade nas relações. A lógica da corrida sai do espaço físico e ruma para o vetor tecnológico, as novas estratégias de dominação se reinventam por outros caminhos. A desterritorialização causa um desvio e o que passa à cena é o valor e a medida da velocidade, o domínio DO e NO tempo.

Ainda para Virilio (1996), as tecnologias proporcionam o encurtamento das distâncias e o espaço torna-se cada vez mais descartado nesta relação. O encolhimento do mundo corresponde a uma *negação do espaço* e a posse do tempo substitui a posse do território. Esta aceleração, no entanto, em seu limite, aponta para a abolição do próprio tempo. Este paradoxo é explicado: se todas as distâncias são encurtadas, se todos os lugares se tornam equivalentes, esta aceleração torna o mundo um só lugar, esgotando então o movimento, resultando em uma paralização. A este domínio do tempo operado pela aceleração das tecnologias, Virilio (1984) chama de *cronopolítica tecnocientífica*.

De acordo com a concepção Dromológica, o domínio do tempo em relação ao território causa não somente a diminuição da espessura do mundo, mas também influi diretamente na inércia, passividade e no sedentarismo do homem pós-moderno. Tudo é transformado em informação: “informação-mundo”, “informação-universo”. Tal inércia provocada pelas tecnologias produz um movimento na contra mão: demanda-se excitação, energia, “movimento”, ainda que estagnados pela velocidade. O homem pós-moderno então é atendido por drogas diversas, desde o café, álcool, fumo e substâncias psicoativas consideradas mais pesadas, como as metanfetaminas. Há também aqueles que “se jogam” em esportes radicais e os que fazem uso de medicamentos ligados à performance, que prometem excitação das faculdades mentais, disposição, criatividade, foco, etc. Segundo Escóssia (1999, p.

39), esta busca por movimento é uma resposta ao “[...] movimento perdido” causado pelo avanço tecnológico, que “promove um declínio de profundidade e espessura nas nossas ações cotidianas”.

No entanto, observamos que vários autores fazem uma tentativa de analisar com mais cautela esse vetor da velocidade que atravessa não somente a relação homem-técnica na atualidade, mas toda a construção da subjetividade contemporânea. O grande “problema” nas análises catastróficas de Virilio, por exemplo, reside na linearidade dos acontecimentos, causas e consequências que o autor apresenta. Diferentemente do autor, acreditamos que a virtualidade do meio (no caso da informática) não pode se resumir e encerrar-se em um determinismo negativo. As análises de Virilio são, em geral, catastróficas quando descrevem os efeitos da relação homem-técnica e concluem que o homem só tem a perder nesta equação. Lyotard (apud ESCÓSSIA, 1999) é um dos autores que questiona, no entanto, esta perda absoluta.

Será verdade que nesta crise, que diz respeito as condições do espaço e do tempo (com suas duas expressões, moderna: nada mais resta senão o espaço e o tempo, e pós-moderna: não nos resta nem mesmo o espaço e o tempo), será que neste trabalho [...], há simplesmente a perda de alguma coisa (a doação ou apresentação) sem que haja ganho qualquer? (LYOTARD apud ESCÓSSIA, 1999, p. 264).

Lyotard (apud ESCÓSSIA, 1999) retoma, a meu ver, o caráter ambíguo das tecnologias da informação, afirmando, então, que estas promovem acesso mais generalizado à cultura, pela difusão de informações de maneira mais prática e rápida que outrora, ao mesmo tempo em que o fazem abolindo a experiência local e singular, segundo ele, características deste processo de desenraizamento/desterritorialização (ESCÓSSIA, 1999). Para o autor, é importante pensarmos que com o uso das tecnologias de informação, teremos uma afetação na circulação do conhecimento, assim como o desenvolvimento da circulação dos homens (meios de transporte) também nos afetou. Com essa afetação, a natureza do saber não fica intacta, “Com a hegemonia da informática, impõe-se uma certa lógica e, por conseguinte, um conjunto de prescrições que versam sobre os enunciados aceitos como ‘de saber’” (LYOTARD, 1988, apud ESCÓSSIA, 1999, p. 4). No entanto, como vimos na citação acima, o autor se questiona se ainda assim, com todas as perdas citadas, não podemos nos ater aos possíveis ganhos desta relação. Nesta direção, afirma que as novas tecnologias de comunicação tem

atingido o espaço e o tempo enquanto suportes da presença, anulando, de certa forma, a necessidade do sujeito estar *aqui e agora*. Ao analisar esse processo, Lyotard nos deixa uma reflexão instigante:

A questão colocada pelas novas tecnologias [...] é a do aqui e agora. O que o 'aqui' indica quando usamos o telefone, a televisão, o receptor do telescópio eletrônico? E o 'agora'? Será que o componente 'tele' – não irá, necessariamente, misturar a presença, o 'aqui-agora' das formas e de sua recepção 'carnal'? O que é um lugar, um momento, que não se encontrem ancorados no 'padecimento' imediato daquilo que ocorre? Será que um computador está, de alguma forma, aqui e agora? Pode *ocorrer* algo através dele? Pode ocorrer algo *com* ele? (LYOTARD, 1996, apud ESCÓSSIA, 1999, p. 266, grifo do autor).

Na mesma linha crítica e reflexiva, podemos nos ater a algumas pontuações não catastróficas do próprio Virilio (2011), em situações nas quais o autor fala de sua obra. Nestes momentos, há uma tentativa de moderação da crítica à velocidade dos processos da relação homem-técnica. O autor afirma que sua preocupação principal é contra a exacerbação, excesso e autopromoção do uso das tecnologias. Propõe uma resistência afim de que se pense o que estamos produzindo nas nossas relações com essas técnicas, por vezes tão sedutoras. Tal resistência pode se converter em um pensamento de ação mais coletiva e menos individualizante, no sentido da produção de uma cultura coletiva, que não aparta os sujeitos, mas que tenha a capacidade de os conectar cada vez mais.

Sim, é preciso trabalhar sobre a natureza do poder da velocidade atualmente, porque a velocidade da luz é um absoluto e é o limite do tempo humano. Nós estamos no 'tempo-máquina'; o tempo humano é sacrificado como os escravos eram sacrificados no culto solar de antigamente. Eu o digo, nós estamos num novo Iluminismo em que a velocidade da luz é um culto. É um poder absoluto que se esconde atrás do progresso, e é por isso que eu afirmo que a velocidade é a propaganda do progresso. Eu não tenho nada contra o progresso. Quando eu digo que é preciso 'ir mais devagar', alguns zombam de mim. Pensam que eu condeno a revolução dos transportes, dos trens, dos carros, dos aviões, que eu sou contra os computadores e contra a Internet. Não é nesse nível que as coisas estão em jogo [...] (VIRILIO, 2011, p. 284).

Toni Negri (1996), levando em consideração as críticas pessimistas de Virilio e, ao mesmo tempo, ampliando um pouco sua visão, nos apresenta mais de perto e mais atentamente os efeitos das relações estabelecidas com as tecnologias modernas. Segundo Negri (1996), é importante que nos atentemos às transformações que a informática produz e determina: novos sentidos linguísticos e sentidos dos signos – novas maneiras na comunicação; transformações nas formas de conhecer e pensar, dentre muitas outras que se desdobram a partir daí. Para ele, as tecnologias

ampliam os horizontes, abrem novas possibilidades, ainda que não qualifique estas possibilidades como “boas” ou “ruins”. “Podem reforçar a barbárie, mas podem também oferecer às multidões novas formas de se desenhar o futuro” (NEGRI, 1996, p. 1).

Então, ao contrário do que Virilio nos promete, os horizontes de vida promovidos pela nova tecnologia serão esplêndidos? Nada disso. Estamos simplesmente dentro de uma transformação tecnológica que abre novas possibilidades: quer de um desenvolvimento da informática no sentido de uma nova e mais poderosa barbárie, quer de uma nova tomada de consciência da resistência e da possibilidade de retomarmos nas mãos da multidão o desenho do futuro. Nenhum catastrofismo, portanto. Mas um empenho de luta, conscientes de que a transformação informática oferece à inteligência novos meios de revolução (NEGRI, 1996, p. 2).

Na mesma direção, Pierre Lévy (1993; 1996; 1999), ao analisar as tecnologias informáticas, afirma que apesar da rapidez produzida a partir do encontro com essas técnicas, e, apesar das mutações e do caráter de desestabilização provocado por elas, continuam a garantir o processo de hominização, ou seja: garantem que a história do homem esteja em curso de desenvolvimento, produzindo memória e conhecimento. A técnica, para ele, recusa o princípio de que as máquinas são inimigos da humanidade, sendo ela então

[...] um ângulo de análise dos sistemas sociotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria (LÉVY, 1999, p. 22).

Vimos até aqui, a apresentação de três concepções sobre a técnica que em suas análises centrais encaram a relação homem-técnica como polos apartados, seja no sentido da dominação do humano sobre a técnica, seja na percepção da técnica como autônoma aos desejos e vontades do humano, seja um catastrofismo generalizado que leva a destruição de ambos. Essas concepções ignoram a Fita de Moebius que discutimos anteriormente, ignoram que a realidade é feita de forças e formas, em infinito refazimento. O viver é caracterizado pela coexistência de sujeitos, natureza, objetos, história, biologia, genética, física, química, em co-engendramento e co-produção dos corpos, das subjetividades, dos saberes e dos fazeres. Veremos então uma última concepção dessa relação, com a qual conjecturamos nosso principal argumento: a vida se faz e refaz em processo.

3.3 A CONCEPÇÃO ONTOGENÉTICA: O VIÉS DA PROCESSUALIDADE

A quarta e última concepção sobre a técnica desenhada por Escóssia (1999) é a Ontogenética, que se utiliza de uma outra maneira de encarar e analisar a relação homem/técnica, quando a comparamos com as concepções anteriores. Maneira esta que considera, em primeira mão, que a técnica tem um estreito vínculo com a construção do mundo, de um devir coletivo e da cultura. Para a autora, a gênese dos sujeitos e objetos é caracterizada por: diferenciação, subjetivação, individuação, desdobramento, defasagem, virtualização, mediação e rede.

A técnica é pensada pelo viés da processualidade. A gênese de sua construção se dá concomitante ao sujeito e à realidade. Nessa concepção, o privilégio é do processo, não colocando em hierarquia nem sujeito, nem objeto e nem definindo a priori os fins ou efeitos da relação estabelecida entre eles. Sujeito e objeto técnico são processuais e evolutivos em uma temporalidade não linear (ESCÓSSIA, 1999). Afirmamos que a relação homem – técnica é qualificada por vetores de transformação, que convocam ambos à ação. Essa concepção é compartilhada por muitos autores como Bruno Latour (2012), Piérre Lévy (1993, 1999), André Lemos (2010) e é a partir dela que nortearmos nossas análises das relações estabelecidas no contemporâneo entre o homem e a internet-móvel. Como justificativa desta defesa, citamos Lemos (2010):

O caráter político do desenvolvimento tecnológico se explicita, já que a técnica é uma dimensão essencial da espécie humana que a coloca diante da natureza e de si mesma no desafio da transformação (científica e tecnológica) do mundo. A técnica é constitutiva do homem, ela é, como vimos, uma maneira de estar no mundo, uma forma de requisição da natureza e do outro. Dito de outro modo, a técnica é desde sempre política, e seu desenvolvimento é correlato àquele do espaço urbano, da pólis (Ibiden, p.29).

Se a técnica é dimensão essencial da espécie humana, então, o desenvolvimento da técnica sempre acompanhou o humano, faz parte da história das civilizações e sociedades, constituindo-se como elemento fundamental no processo histórico da construção da realidade e do conhecimento humano. Como nos diz Escóssia (1999, p. 44), “[...] desde os primeiros sílex talhados às realizações mais recentes da informática, o avanço da técnica tem sido tão irreversível quanto a própria evolução humana”.

Segundo Leroi-Gourhan (apud ESCÓSSIA, 1999), a evolução técnica não se afasta da evolução biológica, há uma identidade entre o corpo vivo e o corpo social, onde ambos são aspectos de um mesmo fenômeno evolutivo. A aposta do trabalho no Laboratório do Processo Formativo de Regina Favre é exatamente nesta interface entre o biológico e a tecnologia.

Sucedem-se falas formativas minhas, conversas entre e com o grupo, teoria e exercícios extraídos do próprio acontecimento individual e grupal, contemplação de gravações, de fotos, de ovos, solos dos participantes, intervenções clínicas pontuais, participação de colaboradores... alças de feedback sobre o acontecido, resultando numa produção de conhecimento corporificado e cartografado daquilo que é nosso foco constante: a produção dos corpos (FAVRE, 2011b).

Um dos diferenciais ao se pensar em uma concepção ontogenética da técnica é assumir que a vida se define por um processo de constante diferenciação, que interfere na produção dos corpos desde o nível fisiológico e biológico no corpo humano, estendendo-se e prosseguindo para fora dele, através do encontro com a técnica. Em relação com ela, experimentamos o mundo pois “[...] o organismo vivo atua segundo um empirismo. A vida é experiência, quer dizer, improvisação, utilização de ocorrências; é *tentativa em todo seu sentido*” (CANGUILHEM, 2012, p.127, grifo nosso).

Através da experimentação em relação, construímos conhecimento, encarnamos experiências, produzimos realidades. Para Canguilhem (2012), esta construção se dá na continuidade da matéria com a vida, sendo a técnica esta matéria e forma através da qual o homem continua a vida. Como define Turkle (2012, p. 188, tradução nossa), “[...] tecnologias vivem em ecologias complexas [...]”, pois a própria evolução das tecnologias produz, incessantemente, novos significados em relação com o sujeito, sendo, por muitas vezes, uma relação perpassada por diversos vetores controversos e contraditórios, nos convocando a questionar esta relação o tempo todo.

Quando analisamos a discussão que a concepção ontogenética traz da relação homem-técnica, apresentamos em geral, dois desdobramentos teórico-epistemológicos: a impossibilidade de se distinguir, de maneira dicotômica e abrupta, natureza e cultura, cultura e técnica, natural e artificial. Uma vez que todos são dimensões do mesmo processo de evolução/organização da vida, estão no

mesmo plano. Outro desdobramento é a inviabilidade de se estabelecer um funcionamento hierárquico entre organismo e meio, sujeito e técnica, sujeito e natureza, uma vez que ambos se estruturam, concomitantemente, na atividade de conhecimento, logo, de construção do mundo (KASTRUP, 1999). Não há anterioridade do sujeito em relação ao objeto, pois a técnica é dimensão que constitui a subjetividade, é vetor de subjetivação no contemporâneo e em toda história.

Criação de modos de fazer, perceber, sentir, mover e conhecer, que não se separa do mundo, dos objetos humanos e não humanos em articulação – afetos em trânsito (POZZANA, 2013, p. 332).

Para Deleuze e Guattari (2010), a subjetividade é maquínica, produto e produtora, é máquina desejante. O que há de máquina no homem e o que há de homem na máquina é o encontro da produção, é o desejo. O sujeito e o objeto são parciais, sempre conectados a produção: produção, registro e consumo, permeados pelo desejo. “O produzir está sempre inserido no produto, razão pela qual a produção desejante é produção de produção, assim como toda máquina é máquina de máquina” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 17). Para os autores, é importante destacar a simultaneidade da emergência de sujeito e objeto e a causalidade recíproca entre eles. Homem e técnica se encontram em agenciamento, no qual o plano das forças e formas não tem anterioridade e nem previsão.

Chama-se de agenciamento todo conjunto de singularidades e de traços destacados do fluxo – selecionados, organizados, estratificados de maneira a convergir (consistência) artificialmente e naturalmente: um agenciamento, nesse sentido, é uma verdadeira invenção (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 506).

Fernanda Bruno (2003) afirma que para além de pensarmos nas mútuas mudanças acarretadas nesta relação do homem e objeto, é necessário ir além: pensar nas mudanças da própria concepção do papel dos objetos, o que implica em redefinir pensamento, tecnologia e também a relação entre eles.

[...] a hipótese de que a tecnologia, em particular a noção de tecnologia cognitiva, implica redefinir a espacialidade do pensamento, onde as fronteiras modernas entre interioridade e exterioridade, mental e material, sujeito e objeto são problematizadas (BRUNO, 2003, p. 1).

Para Bruno (2003, p. 2), “[...] a mente não conta apenas consigo mesma para conhecer e operar no mundo; além de contar com o próprio mundo, ela conta com

os objetos técnicos”. Bruno (2003) utiliza uma pesquisa feita com *barmen*¹⁵ para exemplificar esta afirmação. Nesta pesquisa, houve uma observação entre barmen experts e barmen novatos, demonstrando que os que estão a mais tempo executando esta tarefa tem uma “[...] fina interação de fatores internos e individuais e fatores do meio externo e objetos” (BRUNO, 2003, p. 2). O trabalho deste profissional é executado de forma tão eficiente e com tanta agilidade que, para além das capacidades do sujeito de concentração, boa memória de trabalho e eficiência na coordenação motora, ele conta com outros atributos não mentais e corporais que agem em seu trabalho. A forma dos copos, sua localização, a coloração das garrafas, seu tamanho e disposição no balcão se tornam *índices ou marcos persistentes*, de modo auxiliador à velocidade e destreza da tarefa, mas também como lembretes à ordem de cada receita, por exemplo. Para a autora, um objeto técnico pode operar sim como melhorador de uma determinada performance, mas esta melhora não advém de uma ampliação das capacidades individuais do sujeito proporcionada pelo uso de determinada tecnologia. Trata-se, diferentemente, de uma transformação na natureza cognitiva da tarefa executada. Em um outro exemplo, Bruno (2003) explora a utilização de *checklists* por pilotos de avião.¹⁶

O uso de uma *checklist*, que é um tipo de lista que contém ‘coisas a fazer numa dada ordem’, visa garantir que o piloto cumpra todas as ações e etapas requeridas na pilotagem. O que faz este artefato? Ele transforma uma tarefa, que seria de memorização e planejamento das ações a executar, em três novas tarefas – preparar a lista, lembrar de consultá-la e interpretar os seus itens [...]. Como aponta Hutchins, o esforço cognitivo é assim distribuído no tempo, entre diversos indivíduos e entre o indivíduo e o artefato (BRUNO, 2003, p. 2-3).

as tecnologias cognitivas não são apenas auxiliares externos ao pensamento, mas também constituem sua ‘matéria’, pois boa parte do que sabemos, pensamos, conhecemos e criamos deriva da construção e da interação com esses artefatos mediadores (BRUNO, 2003, p. 7).

Para Hutchins (apud BRUNO, 2003), a noção de cognição distribuída – ou seja, que ultrapassa os limites do indivíduo e sua interioridade, levando em consideração sua relação em um mundo sociocultural que é constituído por humanos e artefatos técnicos – aponta para uma “arquitetura” da cognição humana, que inclui processos interiores e exteriores a mente dos sujeitos, processos esses que transformam e redistribuem nossas atividades. Denett (1997) também constrói seus argumentos na

¹⁵ Esta pesquisa foi realizada por Beach e foi citada por Conein e Jacopin (1994, p. 485).

¹⁶ Sobre esse assunto ver: Norman (1993, p. 21-22).

mesma direção, afirmando que tecnologias cognitivas promovem mudanças nas atividades e processos entre homem e objeto. Para o autor, tais tecnologias vem complexificar a inteligência humana e ao “lançarmos nossas mentes no mundo” – como no uso de uma *checklist* –, depositamos marcas sobre nossos territórios e transformamos a tarefa, o objeto e a cognição.

As mudanças que operamos no mundo, as inúmeras tecnologias que criamos e utilizamos, permitem que nossas ideias, representações, pensamentos, hipóteses se tornem ‘coisas sobre as quais pensar’ (DENETT, 1997, p. 121), operando assim, mudanças sobre nós mesmos (BRUNO, 2003, p. 8-9).

Pierre Lévy (1999), que em muitos momentos apresenta um ponto de vista instrumentalista ao dissertar sobre a relação homem-técnica, em outros momentos apresenta outras análises. Para o autor, de maneira indissolúvel, se constituem as interações entre pessoas vivas e pensantes (o que nós chamamos de sujeito-corpo), entidades naturais e artificiais (natureza e técnicas) e ideias e representações (conhecimento), sendo então estes os três pilares que suportam o que ele chama de atividades humanas. A divisão entre estes pilares pode se dar no nível conceitual, mas, na realidade não se vê dissolução, nem relações de causa-efeito entre eles. As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre “a” tecnologia (que seria da ordem da causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas (LÉVY, 1999).

Como rizomas de Deleuze e Guattari, as redes de Latour [...] não respeitam as distinções estabelecidas entre coisas e pessoas, sujeitos pensantes e objetos pensados, inerte e vivo. Tudo o que for capaz de produzir uma diferença em uma rede será considerado como ator, e todo ator definirá a si mesmo pela diferença que produz [...]. Os dispositivos técnicos são portanto realmente atores por completo em uma coletividade que já não podemos dizer puramente humana, mas cuja fronteira está em permanente definição (LÉVY, 1993, p. 137).

Apesar da análise de Carr (2011), esboçada anteriormente neste capítulo, poder ser lida como uma atualização das teses instrumentalistas, o autor traz alguns exemplos da relação homem-técnica que nos dão pistas para pensar a concepção ontogenética. Resgata na história alguns exemplos importantes na construção do pensamento humano, partindo de ferramentas revolucionárias: o mapa e o relógio. Apresentaremos aqui sua discussão sobre a invenção e evolução do relógio, da concepção sobre o tempo e suas transformações sociais.

Na maior parte da história da humanidade, as pessoas experienciaram o tempo como um contínuo, uma corrente cíclica. À medida em que o tempo poderia ser mantido, isto ainda era feito através de instrumentos e ferramentas que enfatizavam seu processo natural: os relógios de sol, medindo o passar do tempo através de sombras; as ampulhetas de vidro por onde a areia caía por um pequeno orifício; clepsidras nas quais a água media o tempo com pequenas correntezas. Não havia, em épocas antigas, a necessidade de se medir o tempo com precisão ou de se pensar o dia como uma divisão meticulosa em pequenas partes. Para os povos antigos, o movimento das marés, as fases da lua, as posições das estrelas e o nascer e pôr do sol eram medidas de tempo suficientes para suas necessidades. Para Jacques LeGoff (1980 apud CARR, 2011), a vida era dominada pelos ritmos agrários, livre de pressa, sem se importar com exatidão nem produtividade.

Em meados da Idade Média, no entanto, esta concepção de tempo começa a sofrer alterações. As primeiras pessoas a demandarem uma medição mais precisa do tempo foram monges cristãos que viviam em regimes rigorosos de oração. No século VI, São Benedito ordenou seus seguidores a realizarem sete preces em horários específicos durante o dia. 600 anos depois, monges da ordem Cistercian deram nova ênfase a pontualidade, dividindo o dia em uma regimentada sequência de atividades e vendo qualquer atraso ou perda de tempo como uma afronta a Deus. Estimulados pela necessidade da exatidão temporal, os monges então lideraram a busca de tecnologias de contenção do tempo. Foi no monastério o lugar de onde saíram os primeiros relógios mecânicos, movidos pelo balanço de pesos. Foi, portanto, o badalar dos sinos da torre de uma igreja o primeiro som de horas, a partir do qual as pessoas “parcelariam” suas vidas.

O desejo de cronometrar a vida se espalhou para fora dos monastérios. Realezas e principados da Europa, desejando invenções caras e geniais, começaram a cobiçar a novidade que era o relógio mecânico e investiram em seu refinamento e manufatura. De acordo com as migrações do campo para as cidades, o que resultava em pessoas trabalhando em mercados, moinhos e fábricas – ao invés do campo, que como já dissemos, se utilizava de outras medidas de tempo – os dias passaram a ser talhados em pedaços cada vez menores, cada um deles marcado pelo soar dos sinos das igrejas.

Os sinos soavam para o início do trabalho, intervalos para refeições, final do trabalho, fechamento dos portões, abertura do mercado, fechamento do mercado, assembleia, emergência, reuniões de conselho, fim do serviço de bebidas, tempo para a limpeza das ruas, toque de recolher, e assim por meio de uma extraordinária variedade de repiques especiais na rotina dos indivíduos dos centros e das cidades (LANDES, 2000 apud CARR, 2011, p. 42, tradução nossa).

Esta necessidade de esquadrihar o tempo e apertá-lo na sincronização do trabalho, transporte, devoção e lazer providenciaram um ímpeto para a aceleração da tecnologia do relógio mecânico. Criou-se a necessidade da medição do tempo estar por todos os lugares e as unidades de medida foram padronizadas. Já pelo século XIV, o relógio mecânico era lugar-comum, uma ferramenta universal na coordenação das obras complexas da nova sociedade urbana que surgia. As cidades visavam instalar, em topos de torres de prefeituras, igrejas e palácios, os mais elaborados relógios. Para as sociedades europeias da época, o bater das horas parecia, naquele momento, imprescindível para sua organização e crescimento.

Os relógios, no entanto, não se tornaram apenas mais precisos ou mais bonitos, mas também mais baratos e menores. Os avanços na miniaturização possibilitaram que os relógios pudessem caber na casa das pessoas e até mesmo ser carregados por elas. Se a proliferação dos relógios já havia provocado uma enorme mudança na maneira como as pessoas trabalhavam, compravam, e brincavam – também transformou-as em pessoas de uma sociedade ainda mais regulada – o “espalhamento” de ferramentas pessoais de acompanhamento do tempo, como relógios de câmara (de parede), relógios de bolso e, um pouco mais tarde, relógios de pulso, produziram mudanças ainda mais íntimas na vida daqueles sujeitos. Landes (apud CARR, 2011) pontua que o relógio, naquele momento, se torna um “sempre visível, sempre audível companheiro e monitor”, sempre lembrando o usuário do tempo usado, tempo passado, tempo gasto, tempo perdido, sendo ao mesmo tempo estímulo e “chave” para a realização pessoal e para produtividade. Ainda para Landes, a personalização do tempo precisamente medido foi um grande estímulo ao individualismo, que acabou por marcar e salientar esta característica na história da civilização ocidental.

Em suma, as relações criadas com o relógio mecânico mudou a maneira como víamos a nós mesmos, assim como o agenciamento com os mapas transformou nossa maneira de enxergar o espaço e o mundo ao nosso redor, ambos trouxeram

uma transformação na maneira como o homem pensava a si e o mundo, agia em si e no mundo. O esquadrinhamento do tempo conseguinte ao uso do relógio mecânico nos trouxe uma perspectiva na qual nossas mentes começaram a enfatizar o trabalho mental metodológico a partir de divisões e medições. Todas as coisas e fenômenos passaram a ser vistos como compostos por pequenas partes que fazem parte de um todo. Tornava-se possível e necessário observar do que cada pequena parte era composta. O relógio então (e a relação com ele estabelecida), participa de maneira crucial no curso da história, propulsando o movimento de saída da Idade Média para a Renascença e depois desta para o Iluminismo. Lewis Mumford (1963) descreve a transformação colocada a partir do uso do relógio como uma ajuda à criação da crença em um mundo independente, cheio de sequências matematicamente mensuráveis. E ainda, que o quadro abstrato da divisão do tempo tornou-se a referência para a ação e pensamento humano, nos tornando mais metódicos, logo, mais científicos.

A partir desse exemplo, podemos melhor esboçar a noção de actante, cunhada por Latour (2012), na qual se desumaniza a relação e as associações estabelecidas entre homem e técnica. O autor interroga: “[...] quando agimos, quem age?” (LATOURE, 2012, p. 71).

A ação não ocorre sob pleno controle da consciência; a ação deve ser encarada, antes, como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos (LATOURE, 2012, p. 72).

Se o “relógio” mudou a maneira como vemos a nós mesmos e como nos relacionamos com o mundo, para Latour, este movimento de transformação não se dá em mão de via única, do objeto para o sujeito. Ao desumanizar as ações que se estabelecem entre o homem e o objeto, só é possível compreender que objeto e homem existam em relação, pois se constituem mutuamente. A ação não é figurada somente por um “lado” dos atores, não é performada por um ou pelo outro, pois não é localizável. Da ação, nos resta o seu rastro, o que se estabelece e desconstrói o tempo todo, em refeitura. A ação não é orientada e quando empregamos a palavra “ator”, esta não está localizada em alguém ou em alguma coisa, pois “[...] o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar” (LATOURE, 2012, p. 75). Latour (2012) afirma que todo ator é um ator-rede, pois um dos princípios da ação também é seu deslocamento. “A ação é tomada de empréstimo, distribuída, sugerida, influenciada,

dominada, traída, traduzida” (LATOUR, 2012, p. 76). A ação é um vetor que convoca tanto homem quanto objeto e, ao mesmo tempo, não pertence a nada e nem a ninguém, só pode existir no encontro. Nem há tampouco, como medir a ação, pois “[...] a continuidade de um curso de ação raramente consiste de conexões entre humanos [...] ou entre objetos, mas, com muito maior probabilidade, ziguezagueia entre umas e outras [objetos são, portanto] *partícipes* no curso da ação [...]” (LATOUR, 2012, p. 108, grifo do autor), são mediadores e não intermediários.

[...] as coisas precisam autorizar, permitir, conceder, estimular, ensejar, sugerir, influenciar, interromper, possibilitar, proibir, etc. A ANT não alega, sem base, que os objetos fazem coisas “no lugar” dos atores humanos: diz apenas que nenhuma ciência do social pode existir se a questão de o quê e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada, embora isso signifique descartar elementos que, à falta de termo melhor, chamaríamos de não humanos (LATOUR, 2012, p. 76).

Ainda que aparentemente paradoxal, pois em muitos momentos Lévy (1993) parece realizar uma análise instrumentalista da relação homem-técnica, o mesmo alerta que a construção de um saber é recheada de controvérsias (LATOUR, 2012). Lévy (1993) define, então, que na base de toda a técnica, da mais simples a mais complexa invenção tecnocientífica, encontramos duas vias simultâneas: uma *operação de virtualização* e outra de *atualização*. A operação de virtualização acompanha a humanidade desde sempre, e seus efeitos são performados principalmente pelas novas tecnologias informáticas. É um movimento próprio da criação heterogênea do homem.

Uma técnica não é boa, nem má (isso depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante e restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar os ‘impactos’, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela (LÉVY, 1999, p. 26).

Este movimento de virtualização e atualização nos remete às forças e formas da Fita de Moebius, da inseparabilidade dos processos, a inegável presença dos processos irreversíveis, porém, eternamente transformados em outras coisas, em constante devir.

Latour (2012), nesta mesma direção, nos coloca um problema a ser pensado: se existe hibridismo das formas sociais, como colocar em relação de dependência dos contextos, usos e pontos de vista, se o social está o tempo todo se refazendo e se reafirmando? Lévy (1993) e Latour concordam no sentido de que há uma

irreversibilidade no encontro do homem com a técnica, mas há discordância quanto às investigações dos usos. Lévy (1999) traça uma linha quase determinista dessas relações, como por exemplo, quando afirma que a ciberdemocracia levaria a produção de sujeitos mais engajados e partícipes da esfera política e cultural da sociedade. Latour (2012), ao meu ver, contrastando com Lévy, apresentaria maior cautela ao se aproximar dos atores desta relação e ao investigar os traços que compõe “o social”, incluindo o contexto digital, o tempo todo.

Em seu livro “Tecnologias da Inteligência”, Lévy (1993) organiza o que ele chama de *três tempos do espírito*, e conta, de maneira evolutiva – mas não substitutiva – e transformativa como o homem foi construindo sua história, passando pelos tempos da oralidade primária, da invenção e desenvolvimento da escrita até a informática. “Nenhum tipo de conhecimento, mesmo que pareça-nos tão natural, por exemplo, como a *teoria*, é independente do uso de tecnologias intelectuais” (LÉVY, 1993, p. 75). Tudo começa, portanto, com a linguagem. Se na história do homem construímos tempos mais rápidos, mais violentos que das plantas e animais, é porque dispomos desse instrumento, que guarda memória e propaga representações.

Ao conservar e reproduzir os artefatos materiais com os quais vivemos, conservamos ao mesmo tempo os agenciamentos sociais e as representações ligados a suas formas e seus usos. A partir do momento em que uma relação é inscrita na matéria resistente de uma ferramenta, de uma arma, de um edifício ou de uma estrada, torna-se permanente. Linguagem e técnica contribuem para produzir e modular o tempo (LÉVY, 1993, p. 76).

Essa permanência, ou seja, estes processos mnemotécnicos, acontecem seja em nossas mentes, seja no pergaminho, no papiro, no ferro, na argila. As inscrições, de todas as espécies e tipos, produzem *travas de irreversibilidade*, ou seja, obrigam o tempo a passar apenas em um sentido – para frente – e produzem também histórias, com diversos ritmos e vozes. Nas sociedades orais, no entanto, essas inscrições se davam somente através da linguagem e da memória. A palavra era a ferramenta da gestão da memória social, onde toda o “edifício cultural” estava fundado nas lembranças dos indivíduos. Nem por isso, portanto, há ausência de processos sóciotécnicos. Para o armazenamento na memória destes edifícios culturais – e não só nas épocas pré-escritas ou orais, mas também até hoje – fez-se e faz-se uso de determinadas estratégias, a fim de nos auxiliar nas tarefas, e, como vimos, o auxílio transpassa este limite e se transforma em outras coisas, como uma *checklist* se desdobra em diversos processos cognitivos e diversas outras tarefas. Dito isso,

estratégias como a dramatização, a personalização e outros artifícios narrativos diversos não foram somente usados no intuito de entreter o espectador, mas foram, condições *sine qua non* de duração das proposições e histórias na cultura oral.

Não há portanto como opor um 'pensamento mágico' ou 'selvagem' a um 'pensamento objetivo' ou 'racional'. Face às culturas 'primitivas', na verdade *orais*, estamos simplesmente diante de uma classe particular de ecologias cognitivas, aquelas que não possuem os numerosos meios de inscrição externa dos quais dispõem os homens do fim do século XX. Possuindo apenas os recursos de sua memória de longo prazo para reter e transmitir as representações que lhes parecem dignas de perdurar, os membros das sociedades orais exploraram ao máximo o único instrumento de inscrição que dispunham (LÉVY, 1993, p. 82).

Chegamos então, finalmente, à invenção da escrita. O que hoje nos parece banal e inimaginável viver em ausência, mudou radicalmente os modos de conhecer e pensar da humanidade. Escrever deu margem ao surgimento de teorias, à lógica e a interpretações diversas. A organização dos alfabetos e da impressão desempenharam um papel central no crescimento e estabelecimento da ciência como "o" modo de conhecimento do mundo. Lévy (1993) faz uma comparação delicada e interessante, da escrita com a agricultura. Para ele, quando é feita a semeadura no campo, os homens estão confiando suas vidas à terra e ao campo. Com a invenção da agricultura, instaurou-se uma nova relação com o tempo e com o espaço: era necessário aprender a estocar comida e aprender a deixar crescer os grãos da terra. No domínio da comunicação, a escrita reproduz esta nova relação com o tempo e espaço que a agricultura inseriu na subsistência familiar.

O escriba cava sinais na argila de sua tabuinha assim como o trabalhador cava sulcos no barro de seu campo. É a mesma terra, são instrumentos de madeira parecidos, a enxada primitiva e o cálamo distinguindo-se quase que apenas pelo tamanho. O Nilo banha com a mesma água a cevada e o papiro. Nossa *página* vem do latim *pagus*, que significa o campo do agricultor (LÉVY, 1993, p. 87-88, grifo do autor).

A organização do plantio, a espera do cultivo, os possíveis atrasos decorrentes do clima, são fatores que influem diretamente no produto final da colheita. Em paralelo, podemos comparar com a escrita, que "[...] ao intercalar um intervalo de tempo entre a emissão e a recepção da mensagem, instaura a comunicação diferida, com todos os riscos e mal-entendidos, de perdas e erros que isso implica. A escrita aposta no tempo" (LÉVY, 1993, p. 88). Ao longo dos séculos, o uso da escrita se modifica muitas vezes e produz diferentes formas de ser do sujeito, o que interfere nas características das sociedades e culturas. Em seus primórdios, ela transforma àquilo

que perpetuava na oralidade em eternidade, ao gravar histórias, leis, narrativas em superfícies duras, fechadas ao devir permitido pela oralidade. O que está inscrito se repete, durante séculos e séculos. Pela escrita, instaura-se também o controle do poder estatal. Os sujeitos são fixados em determinadas funções, são colocados em determinados territórios, são ordenados por leis e impostos. “Através dos anais, arquivos administrativos, leis, regulamentos e contas, o Estado tenta de todas as maneiras congelar, programar, represar ou estocar seu futuro e seu passado” (LÉVY, 1993, p. 88). O controle do estado sobre a vida dos sujeitos não é privilégio dos dias atuais nos quais contamos com tecnologias de ponta. O que Edward Snowden¹⁷ revela ao mundo é apenas um refinamento de algo que acontece desde os primórdios de nossas civilizações...

Apesar da influência sobre a vida pessoal e controle do sujeito, a escrita não se restringiu, claramente, em servir ao Estado. Ela traduz, para símbolos e signos, transformações importantes ocorridas na revolução neolítica e nas primeiras civilizações históricas. É uma prática de comunicação nova e revolucionária, quando, por exemplo, os discursos podem estar separados das situações nas quais foram produzidos. A informação pode ser transformada pelo leitor, eliminando a mediação humana que existia na tradição oral, o que implica em uma transformação radical na transmissão das mensagens. Conforme o passar do tempo, a distância entre leitor e escritor aumenta e a necessidade da interpretação e discussão da interpretação aumenta. Com isso, vemos a Oralidade resolver o problema da ambiguidade da escrita.

Este exemplo reforça a ideia de que uma tecnologia não vem exatamente para substituir a anterior, embora cause transformações radicais. A produção agenciada pela escrita desde seu início proporcionou um salto produtivo gigante para a

¹⁷ Edward Joseph Snowden é um analista de sistemas, ex-funcionário da CIA e ex-contratado da NSA que tornou público detalhes de vários programas que constituem o sistema de vigilância global da NSA americana. A revelação deu-se através dos jornais The Guardian e The Washington Post, dando detalhes da Vigilância Global de comunicações e tráfego de informações executada através de vários Programas, entre eles o programa de vigilância PRISM dos Estados Unidos. Em reação às revelações, o Governo dos Estados Unidos acusou-o de roubo de propriedade do governo, comunicação não autorizada de informações de defesa nacional e comunicação intencional de informações classificadas como de inteligência para pessoa não autorizada. Em junho de 2013, Edward Snowden, falando de seu trabalho para a NSA e dos motivos porque decidiu correr os riscos de revelar a existência dos programas de vigilância e espionagem mundial, disse: "Eu sou apenas mais um cara que fica lá no dia a dia em um escritório, observa o que está acontecendo e diz: 'Isso é algo que não é para ser decidido por nós; o público precisa decidir se esses programas e políticas estão certos ou errados'" (WIKIPÉDIA).

humanidade. O que se tece a partir da leitura e da própria produção da escrita é uma tessitura infinita de debates, teses, comentários, teorias, anti-teorias...

Lévy (1993) ainda pontua que, diferentemente de se trabalhar com uma memória oral, ao lidarmos com a escrita estamos produzindo vestígios de memória literais, concretos. Segundo ele, “Não há riscos que os esquemas da grande rede semântica da memória de longo prazo venham a dissolver suas singularidades” (LÉVY, 1993, p. 91). Podemos questionar sua afirmação com um exemplo bem simples. Muitos textos de Sigmund Freud foram, por anos, lidos no Brasil a partir de uma tradução que não veio diretamente da língua na qual foi escrita originalmente, o alemão. Há menos de uma década é que tem sido traduzida toda a obra do alemão para português. O que acontecia, durante décadas, era que fazíamos a leitura a partir de traduções de traduções, como do alemão para o inglês para o português, ou do alemão para o francês e depois para o português. Tais traduções de traduções deram margens a diferentes interpretações e até mesmo representações, em forma de palavras, da teoria psicanalítica. O uso de alguns termos “erroneamente” traduzidos incitou e ainda incita diversos debates dentro deste campo do saber. Com isso, vemos que não necessariamente se garante a fidelidade ao conteúdo e a forma com a presença do registro escrito. Hoje então, com a velocidade da produção de informação e a propagação em meio eletrônico e conectado, o registro tem cada vez mais o seu prazo de validade encurtado e o que se diz agora pode ser contradito ou até mesmo esquecido, minutos depois. Ao contrário do que Lévy (1993, p. 91) afirma, que o registro escrito repete “[...] aquilo que confiamos a eles; sem tentar compreendê-lo, sem conectá-lo a outros elementos de informação, sem interpretá-lo [...]”, vemos que não é exatamente assim que se aplica um registro escrito. Há mais vetores de produção deste registro em meio à essa relação, que não somente o papel e a tinta que lhe imprime as letras. É fato que a escrita “estende” indefinidamente nossa memória biológica, pois o registro permite que o conhecimento e as tradições possam ser perpetuados em maior quantidade e também que possam ser acumulados, em livros de histórias, por exemplo.

A produção e o acúmulo de informações, imagens, vídeos é característica fortíssima da contemporaneidade. O uso de tecnologias de ponta, conectadas à *web* ou não, é flagrante em nossos dias, em praticamente todos os espaços pelo qual circulamos na urbe. Este conjunto de artefatos recentes – computadores, programas

informáticos, redes de comunicação – são denominados de tecnologias cognitivas e tem sido responsáveis pela produção e difusão do conhecimento, no encontro com os sujeitos e o mundo, em um processo cada vez mais compartilhado e distribuído, em termos de ação.¹⁸ Bruno (2003) propõe uma atenção para as mudanças na concepção do papel destes objetos técnicos no pensamento humano, pois se “[...] os objetos técnicos participam ativamente do modo como pensamos implica redefinir tanto o pensamento quanto a tecnologia, bem como a relação entre eles” (BRUNO, 2003, p. 1).

Entendemos então, com a concepção ontogenética da relação homem-técnica que há, em curso, o co-engendramento de diversos actantes e que somente a partir desse encontro é que podemos conceber as transformações que ambos sofrem e produzem. Os actantes são perpassados pela ação, mas ela os toma de assalto, não sendo então pertencente a nenhum deles e concomitantemente ao instante que se concretiza em ato, ou seja, se atualiza, já toma outra forma e se virtualiza.

Uma ação em curso convoca diferentes competências, diferentes disposições corporais. Com práticas que oportunizam experimentações ganhamos habilidade ao transitarmos entre micromundos; ganhamos percepção e discernimento na lida com os diferentes encontros, com objetos humanos e não-humanos. Algo oposto à aplicação de regras. A inteligência emerge para guiar nossos atos em correspondência à textura das situações, e não independente delas. O sucesso de uma ação se dá pela capacidade de compor com a configuração de uma determinada paisagem. Trata-se, aqui, da emergência do senso comum, de um saber fazer, de um saber lidar com o momento específico no presente imediato (POZZANA, 2013, p. 329).

Discutiremos no capítulo a seguir, como tem se engendrado então, os sujeitos contemporâneos e a internet móvel, um dispositivo técnico ou actante – como preferirmos nomear – extremamente presente no cotidiano urbano na atualidade. O sujeito-corpo é um “*learning system*” (FAVRE, 2012), que constrói suas camadas de saberes e fazeres imerso nos acontecimentos e nos ambientes. O sujeito compõe com a configuração da paisagem e atua sobre si e sobre ela, sendo interferido por diversos vetores – hoje fortemente vetores capitalísticos e vetores de fuga, em coexistência. Ao afirmarmos que numa concepção ontogenética investigamos as produções de diferenças, as transformações e, principalmente na co-construção dos encontros, fugimos da aplicação de regras e de classificações e qualificações desta relação apriorísticas.

¹⁸ Como já vimos neste capítulo sobre distribuição da ação (LATOURE, 2012).

*Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje
Um barco que veleje
Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé
Um barco que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer
Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut de acessar
O chefe da Mac Milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus para atacar os programas no Japão
Eu quero entrar na rede para contatar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar...
(Gilberto Gil)*

4 INTERNET MÓVEL, SUJEITO-CORPO E CONTEMPORÂNEIO: UMA DISCUSSÃO

Até aqui, a tentativa que fizemos foi a de articular a produção do sujeito atrelado ao uso de tecnologias, passeando um pouco pela história das invenções transformadoras da cultura e sociedade, afirmando a importância de se discutir este tema através de um viés que leve em consideração a ação dos objetos em relação com o sujeito-corpo, que produzem incessantemente realidades e micro-mundos. Investigarei neste último capítulo um tema recortado desta realidade, que me encontro inclusive imersa: o uso da internet móvel.

Como já dissemos no primeiro capítulo, este novo formato de vida (logo, de subjetividades) que assumimos no contemporâneo se faz visível e concreto nas nossas práticas, em nossos comportamentos, no que consumimos, no que produzimos, no que pensamos, em como agimos. Ser e parecer – em concretude de pensamentos, atos, palavras, produções – são pressupostos para os corpos, principalmente para os sujeitos conectados em rede, *online*. E, para dar visibilidade a esta vida, para contar quem estamos sendo, como estamos sendo, o que estamos fazendo... Para explicar os mais diversos assuntos, para desinformar também, para complicar e nos colocar em dúvida, para afirmar diferentes pontos de vista, para negar tantos outros, para construir conhecimento, para destituir o poder das grandes mídias, para responder nossas inquietações mais banais e, principalmente, para compartilhar fotos, vídeos, palavras, imagens, temos hoje uma ferramenta poderosa que cresce e se espalha a cada dia: a internet. Não é um objeto propriamente dito, embora se concretize nos aparelhos tecnológicos que utilizamos. É uma tecnologia da informação e comunicação, que, dentre todas estas características citadas, produz, em sua centralidade, novas relações sociais, políticas e econômicas (CASTELLS apud SANCOVSKI, 2010). A internet, portanto, é um *artefato* tecnológico e cognitivo, pois ao funcionar como “operador de diferença” no contemporâneo, produz uma transformação no indivíduo, no objeto, na tarefa e no mundo (BRUNO, 2003). Este artefato tecnológico opera como mediador, pois não é um mero auxiliar externo do pensamento, mas atua, age em co-relação com o sujeito, produzindo realidades.

Na contemporaneidade, não é difícil observar que o sujeito da urbe está sempre, ou quase sempre, munido de aparelhos conectados à internet móvel. Circula pelos mais diversos espaços de sua vida em acoplamento com tecnologias, com as quais produz sentido e, ao mesmo tempo, se produz enquanto sujeito-corpo, afetando ambientes, objetos e pessoas. Este é um dos principais pontos que se faz visível, sensível e instigante em nossa pesquisa. Estar conectado, o tempo todo e em todos os lugares, parece ser um veredito: estar em rede constitui o ser sujeito no contemporâneo. Os corpos estão hiperconectados: uns aos outros, às tecnologias, aos espaços. Compartilham suas vidas, seus costumes, o que comem, o que vestem, onde vão, com quem estão e neste compartilhar criam-se, recriam-se.

Podemos dizer que a internet está em todos os lugares na atualidade – ou pelo menos, em quase todos os lugares dos centros urbanos. Ganhou este espaço se espalhando quando rompeu as fronteiras do computador pessoal e agora nos acompanha nas ruas, nas salas de aula, nas festas, nos carros, em trânsito, no trânsito. Podemos datar o final dos anos 1990, como o começo da inserção da internet nos computadores pessoais. Aos poucos, lentamente, presenciamos sua consequente popularização. O acesso à rede pulou os muros das universidades, das instituições de ciência e instituições governamentais para nossas casas. Inicialmente utilizando conexão através do telefone fixo e da assinatura de um provedor *online*, depois se diversificando em conexões a radio, a cabo e de fibras óticas.

Passados quinze anos após o início de sua popularização, a internet está completamente mesclada aos nossos fazeres e saberes, principalmente no que diz respeito hoje à produção, compartilhamento e acesso a informação e ao conhecimento. Hoje, para além dos computadores plugados em nossas casas, também carregamos a internet em nossos celulares, tablets, computadores portáteis. Ela ganhou, literalmente, o mundo. Como tecnologia de centralidade nos dias de hoje, para nós, traduz-se como rede, de conexão rápida e praticamente infinita: num clique, uma explosão de caminhos repletos de possíveis. Espalhada em nossas vidas, a web conecta todo o globo e a partir destas conexões, participa de sua modificação e construção. Podemos dizer que há a concretização/intensificação da sociedade da informação/do conhecimento, chamada também de cibercultura (LÉVY, 1999). Tal “sociedade” não está vinculada apenas à expansão da internet, mas é caracterizada principalmente pela centralidade que o conhecimento, a

informação e a comunicação adquiriram em nossas vidas. Assim como observamos grandes mudanças nos saberes, fazeres e na vida cotidiana no momento pós revolução industrial, no contemporâneo assistimos também a uma diferenciação nos modos de vida, que tem afetado profundamente a produção de subjetividade (NICOLACI-DA-COSTA, 2002). Para Castells et al. (2005), no entanto, vivemos num momento para além da centralidade da informação e do conhecimento.

Não porque conhecimento e informação não sejam centrais na nossa sociedade. Mas porque eles sempre o foram, em todas as sociedades historicamente conhecidas. O que é novo é o facto de serem de base microelectrónica, através de redes tecnológicas que fornecem novas capacidades a uma velha forma de organização social: as redes [...]. As redes de tecnologias digitais permitem a existência de redes que ultrapassem os seus limites históricos. E podem, ao mesmo tempo, ser flexíveis e adaptáveis graças à sua capacidade de descentralizar a sua performance ao longo de uma rede de componentes autónomos, enquanto se mantêm capazes de coordenar toda esta actividade descentralizada com a possibilidade de partilhar a tomada de decisões. As redes de comunicação digital são a coluna vertebral da sociedade em rede, tal como as redes de potência (ou redes energéticas) eram as infra-estruturas sobre as quais a sociedade industrial foi construída [...] (CASTELLS et al., 2005, p. 17).¹⁹

Como então, os sujeitos em rede e acoplados a estes dispositivos de internet móvel se constituem, se formam e transformam? Quais são as mudanças nos modos de vida atuais, emergentes do acoplamento com essa tecnologia?

Nosso interesse no estudo da internet móvel é, como apresentamos, pela sua inegável onipresença nos espaços da urbe e no fazer cotidiano daqueles e daquelas que a habitam. Para além de um meio de comunicação, a internet se instrumentaliza em diversas formas e através de muitos aparelhos tecnológicos, que, juntos aos sujeitos, tornam-se parte do que eles são.

Em primeiro lugar, esta pesquisa parte de uma experiência de acoplamento tecnológico que vivencio durante toda a minha vida, e que permanece me transformando todo o tempo. É da vivência cotidiana, das interações complexas e tão imbricadas na vida social do virtual (tentando brincar um pouco com as chamadas “redes sociais”), que construo meus questionamentos e vou em busca dos rastros dessa construção que se dá em mim e no mundo. É dessa vivência que

¹⁹ O artigo encontra-se disponível em Português Lusitano, por isso algumas diferenças de grafia. Mantive sem tradução pois acredito que está compreensível e a tradução não afetaria o conteúdo.

construí boa parte da estratégia metodológica dessa pesquisa, cortando e colando recortes da vida real-virtual.

Na análise da produção literária, fui buscando autores e textos que me auxiliassem na compreensão de tais rastros e questionamentos, e para tal, priorizei o estudo de uma parte da produção nacional, em português, acerca da internet móvel.²⁰ Dois autores brasileiros aparecem como principais referências, tanto enquanto produtores de artigos quanto autores citados: André Lemos e Lucia Santaella. Escolhi então esses dois como nossos intercessores de análise neste capítulo pois, a meu ver, tais autores balizam suas análises através de um viés ontogenético da relação homem-técnica. Minha dissertação, no entanto, não se dispõe a exaurir a temática, nem mesmo classificá-la, enlatá-la ou fotografá-la. Nossa tentativa é da tessitura de um “relato” (LATOURE, 2012) afim de que ele seja potencializador da construção de uma rede, que amplia suas conexões, a cada nova lida, a cada nova página, a cada vez até que eu mesma volte para minhas próprias palavras aqui escritas.

Lemos (2004a; 2004b; 2005; 2007; 2009; 2010a; 2010b) e Santaella (2003; 2004; 2007; 2008a; 2008b) afirmam que a internet móvel faz parte da construção do espaço urbano atual, em hibridação com os sujeitos e suas conexões. A utilização da internet móvel conectada a uma diversidade de gadgets faz com que se caracterizem como mídias locativas e a teoria ator-rede (LATOURE, 2012) é uma das principais referências teóricas utilizadas em sua análise. Tentaremos aqui montar um quebra cabeça com as peças que descobrimos ao longo da investigação. Não pretendemos fazer com que tais peças se encaixem perfeitamente, mas que consigam se encontrar – ora se aproximando e ora se afastando – e no todo, fazer surgir uma figura que nos apresente um recorte da produção de subjetividade contemporânea, no que diz respeito à relação dos sujeitos com a internet móvel.

²⁰ A busca pela literatura foi realizada no Google acadêmico e no Scielo, através de alguns termos motores de pesquisa como: “subjetividade contemporânea, internet móvel”; “subjetividade internet móvel psicologia”; “internet móvel, psicologia”, “cognição contemporânea, internet móvel”. Como resultado obtivemos: área de Comunicação (8 artigos), área de Administração (1 artigo), área de Sociologia (1 artigo), área de Comunicação e Psicologia Social (1 artigo) e Sem área definida (1 artigo). Para estender o espectro da busca, restringimos ainda mais o termo motor da pesquisa, utilizando então somente *internet móvel*, sem a utilização das aspas excludentes. Ou seja, a procura se efetivou através dos dois termos (internet; móvel), ainda que aparecessem separados. Após seleção da bibliografia referendada, contamos então, no total das duas etapas de procura, com 16 artigos, 2 dissertações de mestrado, 1 livro e ainda 4 publicações sem origem definida. O período das publicações encontra-se entre os anos 2000 – 2012, sendo: 1 artigo em 2000; 1 em 2002; 1 em 2003; 2 em 2004; 1 em 2005; 3 em 2007; 3 em 2008; 1 em 2009; 2 em 2010, 2 em 2012 e 1 em 2013.

Para Lucia Santaella (2008a), as sociedades contemporâneas são caracterizadas por processos de hibridização, em suas formações sociais, nas misturas culturais, na convergência das mídias, na linguagem e até mesmo na constituição da mente humana. Este hibridismo é marcado pela experiência do compartilhamento da vida com a tecnologia, o qual produz novos espaços e novas maneiras de estar no mundo. A autora designa que espaços intersticiais são os espaços híbridos nos quais convivem o que é físico e material com o que é digital e virtual. São intersticiais porque dissolvem barreiras, criando um espaço próprio que não pertence nem a um nem ao outro. Não são espaços meramente criados pela tecnologia, mas gerados na fusão das bordas entre os espaços físicos e digitais, que advém do uso de tecnologias móveis como interfaces sociais. Com o advento dos equipamentos móveis, como celulares, computadores portáteis e tablets, a já disseminada internet ganha uma nova dimensão e um novo uso, proporcionado pela internet móvel, que tornou-se um importante vetor de construção destes espaços intersticiais. Estes novos espaços criados a partir da mediação de tecnologias móveis, Lemos (2008) chama de informacionais. Souza e Silva (2006 apud SANTAELLA, 2008a) afirmam que o espaço híbrido é criado pela conexão da mobilidade e da comunicação, e é materializado por redes sociais desenvolvidas simultaneamente em espaços físicos e digitais. Esses espaços são, em seu cerne, espaços móveis, sociais, conectados, definidos pelo uso de interfaces portáteis, como os nós da rede (da web).

A capacidade de conexão com a internet adicionada aos sistemas de posicionamento, por exemplo, permite que os usuários tenham uma relação única tanto com o espaço físico, quanto com a internet (SANTAELLA, 2008a). Se o espaço é então um híbrido que se compõe com tecnologia, sujeito e lugares, é pois inventivo e inventado, pressupõe movimento, ação. Quando uma interface móvel sabe onde se encontra no espaço físico, ela automaticamente adquire um significado diferente de um telefone fixo e de um computador de mesa, pois uma de suas funções principais se torna a navegação pelos espaços físicos, como o uso de mapas conectados à rede de GPS.²¹

²¹ O sistema de posicionamento global (do inglês global positioning system) é um sistema de navegação por satélite que fornece a um aparelho receptor móvel a sua posição, assim como informação horária, sobre todas condições atmosféricas, a qualquer momento e em qualquer lugar na Terra, desde que o receptor se encontre no campo de visão de quatro satélites GPS. Encontram-se em funcionamento dois sistemas de navegação por satélite: o GPS americano e o GLONASS russo.

Para Lemos (2007), mídias locativas são tecnologias que interagem e modificam os ambientes, produzindo relações entre informação, mobilidade e espaço urbano. As mídias locativas são caracterizadas por mídias de localização e mobilidade. Essas tecnologias funcionam através de um fluxo comunicacional que se dá localmente, identificando a posição do usuário e propondo a ele serviços locais, como, por exemplo, qual o restaurante self-service mais próximo ou onde ele conseguiria sacar dinheiro em um caixa eletrônico naquela região espacial específica. Lugar e contexto são elementos essenciais para se caracterizar uma mídia locativa, exigindo a co-presença de usuários, dispositivos, lugares, softwares, e favorecendo novos usos do espaço.

Na atual fase móvel e locativa, a informação está diretamente vinculada ao contexto local. O serviço só é acessado localmente. Chamei a primeira fase da internet de 'upload de informação e virtualização para o ciberespaço', na qual o lugar tem uma importância relativa. Com os sistemas locativos atuais, a função do lugar é crucial, caracterizando o 'download do ciberespaço para objetos e lugares' (LEMOS, 2009). Aqui o lugar é um sujeito da ação: a informação "emana" e reage de/a partir dele (LEMOS, 2010a, p. 8).

Temos então uma virada "espacial": passamos do "no sense of place" (MEYROWITZ, 1985), em que o lugar é superado pela comunicação massiva e pelo ciberespaço em sua fase de upload – ou seja, um grande depósito de informações –, para um "new sense of place", no qual as relações comunicacionais dão-se diretamente com lugares e objetos do espaço urbano, potencializando sua apropriação e resignificação. É através de uma rede de atores (redes, dispositivos, sujeitos, contexto) que se altera o processo comunicacional no espaço urbano. Para pensar essa rede, Lemos (2010a) se utiliza dos conceitos ator-rede (LATOUR, 2012) e materialidades da comunicação. Estes permitem pensar nas formas materiais de mediação envolvidas nos processos comunicativos de espacialização das mídias locativas e na produção coletiva do espaço, levando em conta diversos atores – híbridos formados por humanos e não humanos, envolvidos em sua modulação. Permite também investigar as redes formadas na produção do espaço urbano, que pode ou não adquirir novos sentidos no processo sócio-técnico de sua constituição. Levanta a hipótese de que as tecnologias e os serviços baseados em localização

Inicialmente o seu uso era exclusivamente militar, estando atualmente disponível para uso civil gratuito. No entanto, poucas garantias apontam para que em tempo de guerra o uso civil seja mantido, o que resultaria num sério risco para a navegação. O GPS foi criado em 1963 para superar as limitações dos anteriores sistemas de navegação já ultrapassados (WIKIPÉDIA).

implicam modos específicos de mediação, e esta caracteriza o relacionamento comunicacional com o espaço, redefinindo os usos dos lugares.

O lugar é, portanto, um “actante material não humano”, pois age, diretamente, na experiência do sujeito naquele local. Adicionamos a nossa perspectiva então, a agência do local, pois, como já havíamos visto, “[...] a mente não conta apenas consigo mesma para conhecer e operar no mundo” (BRUNO, 2003, p. 2). Ela conta com o próprio mundo e com os objetos técnicos.

Lemos (2010a) ao discutir como as mídias locativas modificam e transformam sujeitos e lugares através de mediações, propõe pensarmos em seis modos de mediação: modos de escuta (sonoro); de escrita (textual); de visibilidade (mapeamento); lúdico (jogos); de acesso (conexão); e de sociabilidade (rede social). Utiliza em cada um destes modos um exemplo de interação homem-tecnologia. Com o intuito de ilustrar uma destas interações, trazemos aqui o exemplo da mediação de sociabilidade. O Google Latitude permitia que o usuário localizasse amigos em um mapa, através de um smartphone dotado de mapas e GPS, utilizando-se de um aplicativo próprio. O serviço criava possibilidades de interação social por meio de tecnologias digitais, mas, diferentemente dos chats on-line que muitas vezes não promovem encontros para além do virtual, o objetivo era exatamente promover o encontro face a face nos espaços urbanos. Os modos de mediação de visibilidade e de acesso estão presentes aqui pelo monitoramento dos conhecidos e pelo acesso às redes 3G e internet. Os atores envolvidos nesta rede sociotécnica são os usuários, o espaço urbano, o serviço de mapas, o GPS, as redes 3G e Wi-Fi, as ferramentas de troca de mensagens. A mediação dá-se pela visibilidade e sociabilidade no espaço urbano. A mediação e a delegação promovem uma inserção do usuário no espaço físico valorizando os encontros presenciais. O sistema também produzia uma visão do espaço em que sociabilidade e privacidade eram tensionadas, pois o uso do aplicativo modificava o modo como os sujeitos utilizavam aquele local e se relacionavam com as pessoas também ali presentes. Estar invisível – como nos tempos de ICQ²² – tornava-se complicado. Por outro lado,

²² ICQ é um programa de comunicação instantânea pioneiro na Internet que pertence à companhia Mail.ru Group. A sigla "ICQ" é um acrônimo feito com base na pronúncia das letras em inglês (I Seek You), em português, "Eu procuro você", porém é popularmente conhecido no Brasil como "i-cê-quê". Atualmente, voltou a ser utilizado, desta vez em versão mobile (como um aplicativo de celular), em competição com outro aplicativo de troca de mensagens de grande sucesso e adesão, o What'sApp.

através do aplicativo, o sujeito poderia estar sozinho em um determinado local e querer procurar amigos ou conhecidos, como em um show ou um shopping.

A partir desse exemplo, podemos pensar no quanto tem se discutido sobre as relações estabelecidas a partir dos usos da internet móvel: relações entre pessoas, entre as pessoas e o tempo, entre as pessoas, o objeto e o espaço. Imagens como a reproduzida abaixo capturam instantes reveladores. A experiência de registrar e quase que instantaneamente compartilhar na rede o que é registrado mistura-se, acopla-se à experiência “real”, tornando-se inseparável dela.



Figura 4 - Imagem da torcida em um estádio nos jogos da Copa do Mundo da Fifa no Brasil, 2014
Fonte: Folha de São Paulo, junho-julho, 2014²³

Muitas críticas e preocupações são tecidas, cada vez mais, acerca do uso excessivo de celulares conectados à internet, por exemplo. Podemos observar, em nosso próprio dia a dia, como muitas pessoas já não conseguem mais sentar em uma mesa de bar ou restaurante e conversar com suas companhias sem verificar seus aparelhos o tempo todo. Nas redes sociais, campanhas e propagandas incentivam a conversa real em detrimento à conexão ininterrupta. Alguns restaurantes, bares e cafés aderem à este coro. Algumas máximas tem se espalhado em forma de imagem pela internet afora: “Não temos wi-fi, conversem entre vocês!”, “Senha do

²³Para saber mais, ver: <www1.folha.uol.com.br/tec/2014/06/1472337-estadios-da-copa-registraram-76-milhoes-de-transmissoes-de-dados.html>. Acesso em: 25 jul. 2014.

wi-fi? Só depois de meia hora de conversa”; “Free zone: no wi-fi!”; “Você sabe o nível de intimidade quando a rede de wi-fi conecta automaticamente”...



Figura 5 - Cartaz com os dizeres “Desculpem, não temos wi-fi aqui. Por favor, conversem entre vocês”.

Fonte: Google Imagens

Li um tweet,²⁴ meses atrás: “[...] é mais fácil parar de fumar do que parar de olhar para o celular”. Essa preocupação com estes sujeitos, em relação à sua experiência presente, às conexões que ele estabelece no plano real – definição que inclusive é bastante controversa – é carregada de muitos pressupostos, como por exemplo, que esses sujeitos, ao não conseguirem parar de olhar para o celular, estão ausentes da experiência/presença encarnada. No entanto, se acreditamos que corpo e tecnologia, em seu acoplamento, produzem novas formas de ser sujeito e novas formas de ser objeto,

[...] não importa qual forma o corpo virtual possa adquirir, sempre haverá um corpo biológico junto, ambos inseparavelmente atados. O virtual pode estar em um outro lugar – e o outro lugar ser um ponto de vista privilegiado – mas a consciência permanece firmemente arraigada no físico. Historicamente, o corpo, a tecnologia e a comunidade se constituem mutuamente (SANTAELLA, 2008b, p. 130).

Essas novas formas de constituição mútua do corpo, da tecnologia e da comunidade, suscitam algumas questões. Tem se produzido, em um ritmo desconcertante, uma necessidade de compartilhamento na rede de tudo aquilo o que se faz e se vive, com pessoas que podem estar ou não presentes na cena vivenciada. Em uma reunião de pessoas conectadas, é quase um veredicto que fotos serão feitas e espalhadas em momento conseqüente pelas redes sociais, por aplicativos de conversação, por mensagens em tempo real. É como se o imperativo dos encontros fosse, além de encontrar fisicamente com pessoas, fazer-se também

²⁴ Tweet: mensagem postada em um perfil no site Twitter.

visível em outros espaços, através do virtual. Afinal de contas, isso faz o sujeito multiplicar-se ou fragmentar-se? Pela velocidade que incide nos sujeitos e nos apresenta novas formas de ser, vivemos questionamentos que nos fazem estranhar novas e tão diferentes realidades. Vive-se a experiência do compartilhar, do expor-se ao outro, do tornar-se visível, “comentado” e “curtido”. Algumas vezes, a importância do compartilhar parece que se sobrepõe à experiência registrada e partilhada per si. O que quer esta experiência do compartilhamento? Novas possibilidades de encontro e conexões? Qual a qualidade destas conexões?



Figura 6 - Tirinha O pintinho, mais um filho de mãe brasileira
 Fonte: <<http://opintinho.tumblr.com/post/26561483558>>. Acesso: 25 jul. 2014.

Há, para alguns autores, uma superficialidade presente e alimentada pela vida online (CAIAFA, 2000), mas, se pensarmos mais cuidadosamente, estamos rodeados pela vida “real” misturada com a vida “da rede”, mesmo quando não fomos tão capturados por essa necessidade de compartilhamento. Se o sujeito hoje é criado e qualificado como multitarefa (SANCOVSCHI, 2010; SIBILIA, 2012), é de se esperar que façamos várias coisas ao mesmo tempo, vivamos várias coisas ao mesmo tempo, na rede e/ou fora dela. Isso é, necessariamente, menos “real”? A contemporaneidade nos coloca questionamentos como este a todo tempo e hora. Nos sentimos menos presentes, menos criativos, menos inteligentes, menos

espertos, sempre nos comparando aos ideais e às expectativas que não podemos atingir. Ao mesmo tempo, estão em funcionamento, todo o tempo, ainda que sem protagonizar nossas ações, os processos criativos, de escape, do imprevisto. É também Caiafa (2000, p. 32) que afirma que “[...] não basta falar em interação para garantir a alteridade na comunicação por rede, é preciso examinar as condições em que as relações se estabelecem”. Nem a interação através da internet, nem no telefone, nem das cartas, nem dos pombos correios poderia garantir a alteridade na comunicação, isto é: não poderiam garantir que nossa presença fosse mais presente. É preciso, em tempos de tantos modelos e regras e exigências, se aproximar das relações e ver o que elas estão nos dizendo. Não é o veículo que garante o vínculo, embora ele não seja neutro e passivo na constituição do vínculo, pois são mediadores e não intermediários (LATOURET, 2012).

Queremos dar crédito à estes novos sujeitos que são criados a todo tempo em suas relações, nas quais os afetos circulam e podem seguir seu caminho através de diferentes estradas, ainda que virtuais, mas nem por isso, menos reais.

Favre (2011) nos leva a refletir: como pensar num conceito de corpo – corpo biológico que é constituidor de nós como sujeitos – tendo em vista esses problemas formativos hoje? Problemas formativos são aqueles que podem nos atrapalhar em nosso processo de constituição de sujeito no mundo, como por exemplo, as modelizações e as capturas. Estar conectado produz formas de ser, de estar, de corpar, sendo que essas formas podem nos ajudar a produzir mais ou menos presença nos ambientes. Estar mais ou menos presente é possibilidade do vivo, não devendo ser pré-julgado e qualificado como bom ou ruim. Em Favre (2011), o sujeito é pensado como um processador ambiental, está conectado aos acontecimentos, às pessoas, ao ambiente e às tecnologias. Essas conexões permitem ao corpo se construir e se transformar, se adaptar, se deformar, se fazer presente (FAVRE, 2011).

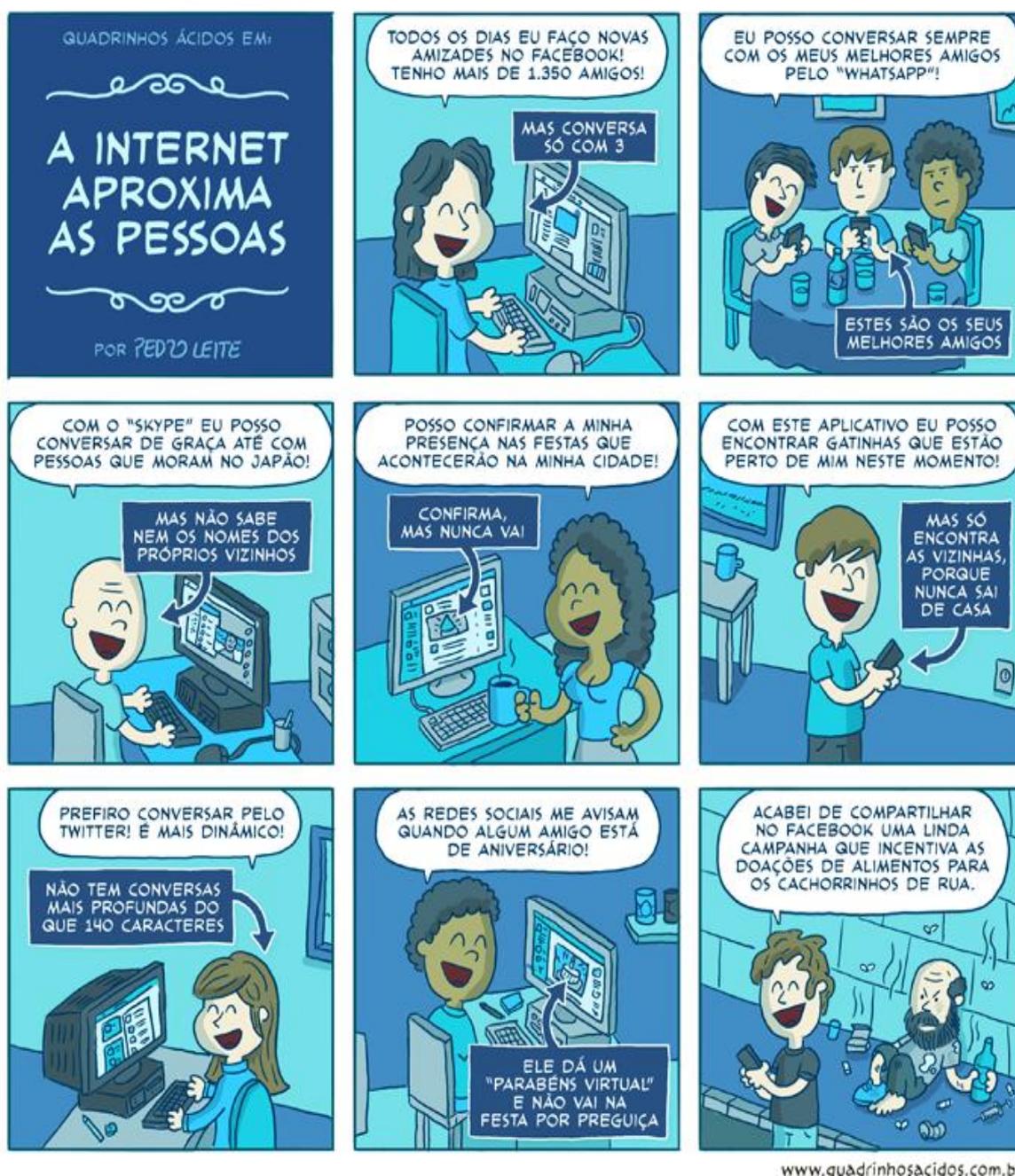


Figura 7 - Tirinhas Quadrinhos Ácidos

Fonte: <www.quadrinhoacidos.com.br>. Acesso em: 15 jun. 2014

Outra preocupação emergente sobre o uso destes dispositivos conectados à web, é que eles promovem desqualificação do corpo²⁵ – sua presença real não é necessária – e como consequência, o sujeito se esquia dos riscos que o viver

²⁵ Ou até mesmo a desqualificação do outro. Um debate interessante sobre como podemos na internet bastar apenas em nós mesmos (e como chegamos facilmente neste limite) encontra-se no site indicado abaixo. Há inclusive uma interação minha com o texto, um comentário de como aquilo que li afetou tudo isso que vinha pensando e escrevendo. Disponível em: <www.ornitorrinco.net.br/2013/11/ser-ou-nao-ser-bot.html?sref=fb>. Acesso em: 13 jun. 2014.

encarnado proporciona, como por exemplo, os relacionamentos virtuais, amorosos ou não. No entanto, podemos ampliar as experiências relacionais para fora dos ambientes onde a presença física é demandada.

Na simulação [que a realidade virtual permite], a identidade pode ser fluida e múltipla, um significante não mais aponta claramente para algo que é significado, e a interpretação é menos provável proceder pela análise do que pela navegação no mundo virtual (TURKLE, 1997 apud ROMÃO DIAS; NICOLACI-DA-COSTA, 2005, p. 75).

Turkle (2011)²⁶ lança tais afirmativas baseada nos resultados de uma extensa pesquisa que realiza com usuários da internet (de jogos online), e assim, atribui um papel determinante às novas tecnologias na construção de novas configurações subjetivas. Baseada nos resultados dessa pesquisa, a autora desenha um modelo da subjetividade contemporânea, recorrendo à metáfora de uma categoria nosológica psiquiátrica, o de transtorno de personalidade múltipla, pensando não em um viés doentio dos usuários da rede, mas ampliando o conceito nosológico, dando-lhe outro sentido. Para Turkle (2011),²⁷ podemos pensar que os *selves* são saudáveis porque não são unitários, com acesso fluido em seus vários aspectos, ou seja: podemos imaginar que, para além de um *self* unitário e rígido, essa experiência com novas tecnologias nos permite construir um *self* flexível e múltiplo, que age, em suas várias modalidades de *self*, em simultaneidade.

Essa simultaneidade opera em nós também no uso da internet móvel, que nos dias de hoje está intensamente ligada às nossas vidas. Essa intensidade demonstra que a participação da internet móvel é real e concreta na constituição da realidade e dos sujeitos no contemporâneo. O uso de tecnologias móveis conectadas à web é formativo deste sujeito-corpo. A web não necessariamente nos protege e nos afasta da vida “real”, mas muitas vezes nos convoca a performar diferentes maneiras de estar presente, de nos comportar, de agir.

Entendemos que o espaço virtual possa proporcionar um lugar para que a exposição de algumas opiniões, gostos, posicionamentos sejam possíveis, com a interação de

²⁶ Sherry Turkle é professora de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). É bacharel em Estudos Sociais e Ph.D. em Sociologia e Psicologia da Personalidade na Universidade de Harvard. Concentra sua pesquisa sobre a interação psicológica humano-tecnologia. Ela tem escrito vários livros com esse foco, especialmente no campo da forma como as pessoas se relacionam com os objetos computacionais.

²⁷Para uma entrevista em que Turkle debate os efeitos de como temos nos utilizado das redes sociais, vale a leitura disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/amizade-a-conta-gotas/>>.

muitos para muitos, o que em um debate tête-a-tête seria complicado ou talvez nem seria possível. Por outro lado, a virtualidade da rede e o certo anonimato que ela proporciona pode, muitas vezes, se tornar palco para grandes violências, que, podem acabar em consequências reais bastante catastróficas e reais. Acompanhamos no último ano e no atual, situações limítrofes disparadas pelo compartilhamento por redes sociais ou por aplicativos de mensagem nos smartphones. Uma adolescente do norte do país, suicidou-se após um vídeo íntimo ter sido compartilhado milhares de vezes através do aplicativo What'sApp.²⁸ A menina se despediu através de postagens em seu perfil no Twitter. Um outro caso que chocou os noticiários foi o linchamento de uma mulher na cidade do Guarujá, São Paulo. Uma mulher estava sendo acusada de praticar magia negra com crianças, e um retrato falado foi compartilhado no Facebook. Um grupo de pessoas “identificou” a moça e a agrediu com arrastões, pontapés e socos. Fabiane foi confundida com a suposta “bruxa” e pagou por um crime que não cometeu. Não resistiu aos ferimentos e faleceu logo depois.²⁹

Para Carr (2012), a influência da internet não se limita às bordas do ecrã do computador. Empresas de mídia tem reajustado seus produtos tradicionais, até mesmo produtos físicos, em prol de aproximar à realidade a experiência que os sujeitos tem quando estão conectados à web.

Construída de milhões de computadores e bancos de dados interconectados, a internet é uma Máquina de Turing de poder imensurável, e é, fiel à forma, subsunção de nossas outras tecnologias intelectuais. Está se tornando nossa máquina de escrever e nossa impressora, nosso mapa e nosso relógio, nossa calculadora e nosso telefone, nosso correio e nossa biblioteca, nosso rádio e nossa televisão. Está tomando as funções de outros computadores: mais e mais nossos programas e softwares funcionam através da Internet – ou como dizem os sujeitos do Vale do Silício, ‘na nuvem’ – ao invés de dentro de nossos próprios computadores pessoais (CARR, 2012, p. 82-83, tradução nossa).

O autor cita exemplos de grandes jornais e revistas americanos, que, com a popularização da internet e a decadência da mídia impressa, tiveram que se adaptar aos formatos mais dinâmicos como o de páginas online, mudando radicalmente seus conteúdos, encurtando seus textos, redimensionando seu espaço gráfico e até

²⁸ Disponível em: <www.pragmatismopolitico.com.br/2013/11/jovem-se-suicida-apos-video-intimo-vazar-whatsapp.html>. Acesso em: 16 jun.2014.

²⁹ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/opiniaocoluna/2014/05/10/linchamento-de-mulher-no-guaruja-mostra-que-internet-e-capaz-de-matar.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

mesmo procurando imitar, de certa forma, a característica de ‘navegação’ por entre as notícias e páginas, como em um site. Programas de televisão incluíram infográficos e anúncios publicitários em *pop-up*, em alusão também à navegação na web. Filmes em DVD/Bluray vem com facetas interativas, como conexão ao Facebook, permitindo um chat ao vivo, concomitante à exibição do filme. Nos Estados Unidos, é possível assistir a um concerto de uma orquestra filarmônica e receber, através de tweets, informações sobre referências musicais de Beethoven. Através desses exemplos, Carr (2012, p. 96, tradução nossa) conclui que

A rede começou a alterar a forma como vivenciamos performances reais, bem como as gravações dessas performances. Quando levamos um poderoso computador móvel em um teatro ou outro local, levamos também toda a comunicação e ferramentas de redes sociais disponíveis na web. Isso há muito tempo tornou-se comum para os frequentadores de concertos para gravar e transmitir trechos de shows para os amigos através das câmeras de seus telefones celulares. Agora, os computadores portáteis estão começando a ser deliberadamente incorporados em performances como forma de apelar para uma nova geração de clientes saturados da rede.

O espaço virtual é então, mais um espaço de nossas vidas, presente e real, mesclado e matizado em nossas experiências. “Até mesmo as experiências que temos no mundo real estão sendo mediadas pelos computadores em rede”, aponta Carr (2012). Kastrup (1999), nesse sentido, questiona se as máquinas de informação são capazes de provocar, na interface com o usuário, outras formas de conhecer e pensar. Como vimos até agora, arrisco a dizer que sim, pois na interface com o sujeito, podemos elencar desde o começo mais popularizado dos computadores pessoais até o uso de smartphones, diversas mudanças irreversíveis nos modos de conhecer e pensar o mundo, como ilustrado linhas acima.

Lemos (2004a, 2004b, 2005, 2007) nos chama atenção para o processo de complexificação das metrópoles contemporâneas, as metrópoles cibernéticas ou “cibercidades”. Há um novo modo de urbanidade a partir do que emerge no encontro das cidades, tecnologias e usuários, a ciberurbe. Para o autor,

O desafio é criar maneiras efetivas de comunicação e de reapropriação do espaço físico, reaquecer o espaço público, favorecer a apropriação social das novas tecnologias de comunicação e informação e fortalecer a democracia contemporânea (LEMOS, 2010b, p. 159).

As tecnologias sem fio – que não incluem somente o uso de internet móvel, mas de outras tecnologias de dispositivos e redes como 3G, GPS, palms, etiquetas RFID,

Wi-Fi, Wi-Max, bluetooth – estão transformando as relações entre pessoas e as relações com os espaços urbanos, criando novas formas de mobilidade. As cidades se tornam desplugadas, no sentido de que os dispositivos e redes sem fio criam um ambiente generalizado de conexão, possibilitando o usuário plena mobilidade ao se relacionar com máquinas, objetos e com a urbe. O que Santaella (2008a) define como espaços intersticiais, Lemos (2010b) nomeia de territórios informacionais.

Em grandes cidades, tem-se classificado a relação tecnologia-cidade como nomadismo hightech, que compreende trocas de SMS, computadores e trabalhadores nômades, ocupações de espaços urbanos conectados, jogos por dispositivos móveis em mobilidade no espaço urbano, anotações eletrônicas digitais, mobile blogs, trocas de textos, vídeos e fotos por celulares...

Um exemplo interessante desse novo “nomadismo” por redes sem fio e tecnologias portáteis é o fenômeno que vem sendo chamado, em São Francisco, de beduínos high-tech. Sabemos que os beduínos são povos nômades originários da península arábica e que vagam hoje pela África do norte. São nômades, mas possuem um território, já que, como diz Deleuze, eles seguem trajetos costumeiros, passando de ponto a ponto (por exemplo, uma fonte de água). Mas os pontos só existem para serem abandonados, e o que vale é o que está entre os pontos. Por isso Deleuze mostra que a vida do nômade é o intermezzo (LEMOS, 2010b, p. 162).

Estes novos nômades high-tech surgem buscando passar de ponto de acesso a ponto de acesso, sendo este, por exemplo, um café ou lanchonete com wi-fi. Este beduíno não está em busca de água potável e sombra para descansar da longa jornada da viagem, mas em busca de um território informacional com o qual possa se conectar para compartilhar, criar, produzir informações, conteúdo online, pesquisar, etc. etc. etc. Os novos beduínos estão sempre munidos de tecnologias sem fio como laptops Wi-Fi e smartphones, aliando a mobilidade física no espaço público com a mobilidade informacional pelo ciberespaço.

Para Eduardo Pellanda ([s.d.]), o contexto wireless no qual vivemos amplia as questões anteriormente colocadas quando usamos internet cabeada. Se os aparelhos podem nos acompanhar em qualquer lugar e é possível assistir vídeos ou ouvir transmissões em tempo real e navegar em páginas da web, há algo mais específico nesta relação, na medida em que a produção de informação é onipresente. O “cordão umbilical” – que restringia o acesso ao ciberespaço aos escritórios, salas de aula e casas – foi cortado e, com a expansão do território deste

ciberespaço, produz-se uma mídia “invisível”, que pelo poder de estar em quase todos os lugares, passa a ser despercebida como mídia, criando um novo ambiente de comunicação. Discute também a importância do suporte, no caso do computador ou outro eletrônico, que passa a ser secundário, dando visibilidade e foco à mensagem produzida.

Pellanda ([s.d.]) ainda compreende que a coexistência do “ambiente virtual” com o “ambiente real” exige um novo olhar sobre estes elementos e que a consideração dos vários ângulos que incidem nesta relação pode ajudar a enxergá-los como bem menos delimitados e mais expandidos em seus sentidos. Indica ainda que a internet wireless é muito mais do que uma “facilidade” em nosso cotidiano, já que tem a potência de transformar vários conceitos que até então pareciam estar estagnados ou já estabelecidos com o uso da internet fixa.

Transformar conceitos, transformar vidas. Os fluxos de produção que circulam na relação com tecnologias reais e na produção de tecnologias virtuais podem ser de territorialização e desterritorialização. A desterritorialização está relacionada aos processos de mobilidade e são mais facilmente identificáveis, já que se constituem como deslocamento de corpos e de informações. Ao mesmo tempo, as tecnologias móveis permitem exercer um maior controle sobre o espaço e o tempo, podendo ser encaradas como ferramentas de territorialização, por sua potencialidade de instituir formas de controle, através da hibridação dos espaços eletrônicos e físicos (LEMOS, 2006). Existem pessoas, por exemplo, que vivem conectadas aos seus telefones celulares/smartphones, para lazer e para trabalho também. Estão territorializados muitas vezes, pois apesar de estarem em movimento real (físico), estão ao mesmo tempo se controlando e sendo controladas por percursos pré-definidos pelo fluxo de matéria e informação, como o uso de ferramentas de trabalho como e-mails, tabelas. O sujeito não está mais em ambiente de trabalho, mas continua a trabalhar. Apesar dessa mobilidade possível, não necessariamente podem ser considerados nômades. Por outro lado, um hacker, que pode passar dias e noites em frente ao seu computador em sua casa, pode vivenciar diversos processos nômades, ainda que sem sair de seu lugar físico, exatamente por vivenciar percursos não pré-definidos em sua navegação na web.

O importante é frisar que as tecnologias da cibercultura, principalmente as móveis, podem criar processos desterritorializantes, mas esses não estão garantidos pelo simples uso dos artefatos. Mais uma vez encontramos aqui o problema do determinismo tecnológico, já que o uso do dispositivo não garante processos desterritorializantes ou nômades e podem mesmo reforçar poderes constituídos e territorializados (LEMOS, 2006, p. 10).

Portanto, o debate atual gira em torno não de se defender ou criticar o uso da internet móvel, mas no sentido da análise de como e quando a relação com esse dispositivo pode potencializar determinados efeitos ético-políticos. O uso dos espaços públicos é hoje o centro desta discussão.

Há uma preocupação no sentido da solidão que tem se produzido no contemporâneo, aliada à esta pluripresença dos sujeitos munidos de tecnologias. Turkle (2011) escreve um livro voltado exatamente para esta discussão, na qual já em seu título, anuncia a preocupação: “Alone together: why we expect more from technology and less from each other” (Sozinho juntos: porque esperamos mais da tecnologia e menos dos outros). Este livro é um grande apanhado de seus anos de estudo da relação do homem com artefatos tecnológicos, desde telefones celulares mais primitivos, passando pelo início da internet, pela robótica e atualmente, no uso de smartphones. A preocupação de Turkle (2011) é em torno da experiência dos sujeitos, e transita, através de inúmeros exemplos, em controvérsias que nos capturam o tempo todo.

Online, nós facilmente achamos ‘companhia’ mas estamos exaustos pelas pressões de performance. Nós aproveitamos a conexão contínua mas raramente temos do outro sua atenção por completo. Temos audiências instantâneas mas cada vez mais ‘achatamos’ o que dizemos uns aos outros e reduzimos o conteúdo. Nós gostamos do fato que a Web nos ‘conhece’, mas isso só é possível porque comprometemos nossa privacidade, deixando rastros de dados que podem facilmente serem explorados politicamente e comercialmente. Temos muitos novos encontros que podem ser muito tentadores, mas que facilmente são colocados ‘on hold’ se algo melhor aparecer em seguida [...]. Podemos trabalhar de casa, mas o trabalho se mistura com nossa vida privada ao ponto de não discernirmos mais os limites entre eles. Gostamos de nos conectar aos outros quase que instantaneamente, mas temos que esconder nossos telefones para nos forçarmos a um momento de quietude (TURKLE, 2011, p. 280, tradução nossa).

Quando Lemos (2004a, 2004b, 2005, 2007) aponta para uma mudança no uso dos espaços e cunha a expressão espaços informacionais, podemos pensar que estes podem também estar funcionando como pura troca de informação e que, como Turkle (2011) se preocupa, seu uso pode ser mais paradoxal.

É flagrante que tais questionamentos nos confundam e não sejam homogêneos. Meses atrás, recebi um vídeo – já não lembro a fonte da indicação, são tantas conexões que vou me perdendo de onde surgiu aquele nó – do *talkshow* de Conan O'Brien, um dos mais famosos hosts desse tipo de programa nos E.U.A., no qual ele recebe o ator Louis C.K. e em determinado momento da entrevista, ele explica porque odeia celulares e porque não dá celulares para seus filhos. Segundo ele, os celulares tem tornado as pessoas estúpidas e incapazes de sentir a experiência de estarem sozinhas.

Você precisa aprender a habilidade de estar consigo mesmo e os celulares estão tirando isso de nós [...]. Embaixo de tudo na sua vida, tem aquele vazio. Sabe, aquele vazio para sempre vazio? Aquele conhecimento de que nada importa e que você está pra sempre sozinho. Ele está lá. E às vezes, quando você está no seu carro, apenas dirigindo, e sente: 'oh, não, lá vem ele! Estou sozinho!'. Esse sentimento está te visitando. Apenas tristeza, uma tremenda tristeza. A vida é tremendamente triste. E aí você pega o celular e manda uma mensagem. É por isso que as pessoas mandam mensagens e dirigem. Praticamente 100% das pessoas ao seu redor estão dirigindo e escrevendo [...]. As pessoas não querem se sentir sozinhas. Elas preferem arriscar a matar alguém dirigindo e usando o celular do que se sentirem sozinhas [...].³⁰

Para Sibilia (2012, p. 51), o uso de artefatos informáticos e de comunicação, assim como o uso de outros dispositivos, “[...] constituem estratégias que os sujeitos contemporâneos põem em jogo para se manter à altura das novas coações socioculturais, gerando maneiras inéditas de ser e estar no mundo”. Hoje já não sabemos com tanta certeza se gostamos ou se odiamos um determinado aparelho. Ainda que Louis C.K. tenha criticado o celular e as mensagens instantâneas, ele mesmo faz uso desse aparelho exatamente no sentido em que critica! Essa controvérsia em torno dos nossos fazeres é uma marca do contemporâneo da qual dificilmente escapamos. O discurso catastrofista sobre o uso da internet não se refere apenas à sua velocidade, como vimos numa concepção dromológica da relação homem-técnica no capítulo anterior, mas também por sua onipresença. O filósofo norte-americano Dan Denett (2014), em palestra³¹ recente para o TED,³² faz uma provocação: a internet virá abaixo e viveremos ondas de pânico.

³⁰ Vídeo disponível em: <www.youtube.com/watch?v=5HbYScltf1c>. Acesso em: 13 jun. 2014.

³¹ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/a-internet-vira-abaixo-viveremos-ondas-de-panico-preve-estudioso-12280464?fb_action_ids=10202054461466549&fb_action_types=og.recommends>. Acesso em: 14 jun. 2014.

³² TED (Acrônimo para Technology, Entertainment, Design), em português: Tecnologia, Entretenimento, Design) é uma fundação privada sem fins lucrativos dos Estados Unidos mais

O que digo não tem nada de apocalíptico, pode falar com qualquer especialista e lhe dirá o mesmo que eu, que é questão de tempo para a rede cair. Só o que digo é que deveríamos preparar-nos: antes costumava haver clubes sociais, congregações, igrejas etc. Tudo isso desapareceu ou vai desaparecer. Se tivéssemos outra rede humana pronta... Se você soubesse que pode confiar em alguém, em seu vizinho, em seu grupo de amigos, porque previram a situação, não estaria mais tranquilo?

Acredito, no entanto, que entre as considerações catastrofistas e entusiastas, temos um espectro de experiência muito maior do que imaginamos. Experimentar a feitura da internet no dia a dia e participar dela me faz repensar cotidianamente sobre o contemporâneo, na velocidade das mudanças e na quantidade de possibilidades. O nomadismo hightech (LE MOS, 2010) aqui apontado é real, as “múltiplas personalidades” (TURKLE, 1997 apud ROMÃO DIAS; NICOLACI-DA-COSTA) são características marcantes do sujeito urbano, a dependência tecnológica preocupa – como no extremismo de Denett – mas também possibilita criações diversas e auxilia e mobiliza multidões, como na campanha por doações para os desabrigados do nosso estado, nas chuvas de dezembro de 2013, espalhada pelas redes sociais, em especial no Facebook. Há um novo senso de espaço, de sociabilidade, de presença, e essas transformações enfatizam que “[...] vivemos e formamos nossas vidas, continuamente, em ecologias... que somos parte não só de famílias, mas de redes físicas, afetivas, cognitivas, tecnológicas, políticas, sociais, informacionais” (FAVRE, 2014).

A subjetividade contemporânea é uma rede enovelada de Fitas de Moebius, os nós que conectam e fazem e desfazem o social (LATOURL 2012) são tecidos a todo o tempo, agregando e desagregando, aproximando e afastando. A internet móvel, como rede comunicacional, faz parte da rede da subjetividade contemporânea e concluímos – e vivencio! – que é um dos vetores de grande importância e magnitude

conhecida por suas conferências na Europa, Ásia e Estados Unidos destinadas à disseminação de ideias. Segundo as palavras da própria organização, "ideias que merecem ser disseminadas". Suas apresentações são limitadas a dezoito minutos, e os vídeos são amplamente divulgados na Internet. O grupo foi fundado em 1984, e a primeira conferência aconteceu em 1990. Originalmente influenciada pelo Vale do Silício, sua ênfase era tecnologia e design, mas com o aumento da popularidade os temas abordados passaram a ser mais amplos, abrangendo quase todos os aspectos de ciência e cultura. Entre os palestrantes das conferências estão Bill Clinton, Al Gore, Gordon Brown, Richard Dawkins, Bill Gates, os fundadores da Google, Billy Graham e diversos ganhadores do Prêmio Nobel (WIKIPÉDIA). Há também conferências locais, chamadas de TEDx, que acontecem em diversos países e em diversas cidades, incluindo no Brasil. Indico fortemente o TEDx Talk de Lúcia Freitas - jornalista de conteúdo online, referência feminina no cenário blogueiro do Brasil, fundadora do Luluzinha Camp e minha amiga pessoal - e na qual discute o papel da mulher no universo online, como potencial fator de mudanças no mundo. A palestra está disponível em: <www.youtube.com/watch?v=LZL_UkxYB5Q>.

em nossos tempos. Por sua capacidade camaleônica de se transformar e transformar os sujeitos e mundo – concomitantemente – consideramos a internet móvel como um actante, e que por isso, não pode ser reduzido a “determinadas” ações. Ela age, constrange, silencia, transforma, estagna... E segue, sem ainda sabermos, onde chegará, porque, afinal de contas, não é isso que nos importa.

5 CONCLUSÃO

A subjetividade contemporânea é marcada pela característica multivetorial, ou seja: é a partir do entrecruzamento de diversas forças e formas que nos constituímos enquanto sujeitos e construimos realidades. No contemporâneo, a velocidade, o multitarefismo, as idealizações, a constante ameaça de exclusão, a performance, o acúmulo e a visibilidade são alguns desses vetores de subjetivação.

Os sujeitos, imersos neste caldo, fazem a si mesmos e co-corpam (FAVRE, 2014a) com outros sujeitos, agindo concomitantemente sobre si e sobre o mundo (KASTRUP, 1999), em co-engendramento e em co-produção. Adicionam-se à cena os chamados não humanos (LATOURE, 2012), que, como vimos, tem agência e são mediadores em relação com esses sujeitos, participando ativamente na feitura da realidade.

Em uma concepção ontogenética da relação sujeito-técnica (ESCÓSSIA, 1999), indivíduo e objeto técnico são correlativos de uma mesma gênese: são processuais e evolutivos em temporalidade não linear. Emergem em simultaneidade e há causalidade recíproca entre eles. Nesta relação, se instauram agenciamentos maquínicos de subjetivação (DELEUZE, GUATTARI, 2010), ou seja: o agenciamento homem-máquina é realizado por diversos componentes, materiais, sociais, individuais, coletivas, corporais. Acredito e corroboro que as invenções técnicas estão inscritas na história do humano e que participam do fazer do mundo desde os primórdios.

Para Bruno (2003), é importante que repensemos não somente em quais transformações as técnicas produzem em acoplamento com o homem, mas ainda primeiramente, transformar a própria noção de técnica que construimos. Latour (1996) propõe que a técnica seja pensada como mediadora entre natureza e homem, híbrida de natureza e cultura. A vida se define por uma intensa e ininterrupta diferenciação, e os actantes são heterogêneos.

Acreditamos, portanto, que a internet móvel, por sua quase onipresença nos espaços urbanos, participa como um importante actante na produção de subjetividade no contemporâneo. Seus usos e finalidades se expandem para níveis cada vez mais íntimos em nosso dia a dia, e não somente no âmbito das redes

sociais. Novos aplicativos para Smartphones aparecem a todo momento, com inúmeras funções e facilidades. A internet móvel no entanto, é controversa e nos confunde, muitas vezes por ainda não compreendermos – se é que um dia iremos compreender – suas barreiras e seus limites. Há uma preocupação com a exacerbação quanto ao uso (VIRILIO, 2011) e quanto ao nosso distanciamento das experiências ditas reais e não virtuais (TURKLE, 2011). Por outro lado, há também observações sobre a criatividade que incita o uso de tal tecnologia, como novos usos do espaço da urbe (LEMOS, 2004a; SANTAELLA, 2008a, 2008b) e novas maneiras de estudar e aprender (SANCOVSCHI, 2010; SIBILIA, 2012).

Como disse na apresentação deste trabalho, a intenção nessa escrita foi da produção de um relato que pudesse construir rede (LATOUR, 2012), a partir de inquietações vividas no corpo e na pele, que maturaram durante anos, vagando e tentando construir um caminho possível, colocado aqui neste quebra cabeças. Sei que, a cada linha que escrevo e a cada dia que se passa, mais novas questões “pipocam” em mim, suscitadas pela experiência *online*, logo, sei que esta dissertação não se encerra aqui. No entanto, sei que ela seguirá seu caminho, agindo, mediando, hibridando... E eu não poderia esperar nada mais ou melhor do que isso.

REFERÊNCIAS

BEZERRA JUNIOR, B. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, C. (Org.). **Trangressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

BRUNO, F. Máquinas de ver, modos de ser. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 24, jul. 2004.

_____. Tecnologias cognitivas e espaços do pensamento. In: FRANÇA, V.; WEBER, M. H.; PAIVA, R.; SOVIK, L. (Org.). **Livro da XI Compós 2002**: estudos de comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 193-217. Disponível em: <<http://files.grupolimiar.webnode.com/20000002025fdc26f6d/Tecnologias%20cognitivas%20e%20espa%C3%A7os%20do%20pensamento.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

CAIAFA, J. **Nosso século XXI**: notas sobre arte, técnica e poderes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CANGUILHEM, G. **O conhecimento da vida**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CARR, N. **The shallows**: what internet is doing with our brains. New York: W. W. Norton, 2011.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Org.). **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Belém: Imprensa Nacional, 2005.

CONEIN, B.; JACOPIN, E. Action située et cognition: le savoir en place. **Sociologie du Travail**, Paris, n. 4, 1994.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mille Plateaux**: capitalismo et schizophrénie. Paris: Minuit, 1980.

_____. **O antiédipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DENETT, D. **Tipos de mente**: rumo a uma compreensão de consciência. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ESCÓSSIA, L. da. **Relação homem-técnica e processos de individuação**. Sergipe/Aracaju: Editora UFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

ESCÓSSIA, L. da; KASTRUP, V. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005.

- FAVRE, R. **Corpar, nosso verbo principal**. 2014a. Disponível em: <<http://laboratorioprocessoformativo.com/2014/02/corpar-nosso-verbo-principal/>>. Acesso em: 16 mar. 2014.
- _____. **Corpo-ante-corpo**. 2013. Disponível em: <<http://laboratorioprocessoformativo.com/2013/05/corpo-ante-corpo/>>. Acesso em: 14 nov. 2013.
- _____. **Exercitando a bomba pulsátil**. 2014d. Disponível em: <<http://laboratorioprocessoformativo.com/2014/05/exercitando-a-bomba-pulsatil/>>. Acesso em: 18 mar. 2014
- _____. **Para pensar formativamente**. 2011b. Disponível em: <<http://laboratorioprocessoformativo.com/2011/02/para-pensar-formativamente/>>. Acesso em: 14 nov. 2013.
- _____. **Presença**. 2012. Disponível em: <<http://laboratorioprocessoformativo.com/2012/03/presenca/>>. Acesso em: 14 nov. 2013.
- _____. Um corpo na multidão: do molecular ao vivido. **Interface**, Botucatu, v. 15, n. 37, jun. 2011a. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832011000200025&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- _____. **Uma dramaturgia do conhecimento**: na imensa muvuca universal, formando nosso pequeno mundo. 2014b. Disponível em: <<http://laboratorioprocessoformativo.com/2014/02/uma-dramaturgia-do-conhecimentona-imensa-muvuca-universalformando-nosso-pequeno-mundo/>>. Acesso em: 16 mar. 2014.
- _____. **Na instalação didática**. 2014c. Disponível em: <<http://laboratorioprocessoformativo.com/2014/07/na-instalacao-didatica/>>. Acesso em: 18 mar. 2014.
- GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. Tradução de Suely Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- HUTCHINS, E. **Cognition in the Wild**. 2. ed. Massachusetts: MIT, 1999,
- JESUS, E. Em torno da comunicação e da arte na contemporaneidade. In: PESSOA, F. (Org.). **Cyber arte cultura**: a trama das redes. Vila Velha: Seminários Internacionais Museu Vale, 2013.
- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**. Campinas: Papyrus, 1999.

KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LANDES, D. S. *Revolution in time: clocks and the making of the modern word*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.

LATOUR, B. Do humano nas técnicas. In: SCHEPS, R. (Org.). **O império das técnicas**. Tradução de Maria Lucia Pereira. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.

LEGOFF, J. **Time, work, and culture in the middle ages**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LEMOS, A. (Org.). **Cidade digital**. Salvador: EDUFBA, 2007.

LEMOS, A. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. **URBE Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 2, n. 2, p. 155-166, 2010b.

_____. **Cibercidade II ciberurbe**: a cidade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

_____. **Cibercidade**: as cidades na cibercultura. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004a.

_____. **Cibercultura e mobilidade**: a era da conexão. *Razón y Palabra*, n. 41, 2004b.

_____. **Ciberespaço e tecnologias móveis**: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura, 2006. Disponível em: <www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2014.

_____. Você está aqui! Mídia locativa e teorias materialidades da comunicação e ator-rede. **Comunicação & Sociedade**, v. 32, n. 54, p. 5-29, 2010a.

LEMOS, A.; JOSGRILBERG, F. **Comunicação e mobilidade**. Salvador: Edufba, 2009.

LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Tecnologias da inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

LYOTARD, J. F. Algo assim como: comunicação... sem comunicação. In: PARENTE, A. (Org.). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. Tradução de Rogério Luz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **O pós moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.

MEYROWITZ, J. Global nomads in the digital veldt. **Revista Famecos**, Porto Alegre, PUC-RS, p. 23-30, jul. 2004.

MEYROWITZ, J. **No sense of place**: the impact of electronic media on social behavior. United Kingdom: Oxford University Press, 1985.

MOL, A.; LAW, J. **Embodied action, enacted bodies**. 2003. Disponível em: <www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/mol-law-embodied-action.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2014.

MORAES, M.; MONTEIRO, A. C. L.; MANSO, C. C. Afetar e ser afetado: corpo e cognição entre deficientes visuais. **Universitas Psychologica**, v. 8, p. 785-792, 2009.

MUMFORD, L. **Technics and civilization**. New York: Harcour Brace, 1963.

NEGRI, T. A melancolia dos catastrofistas. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, 24 nov. 1996. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/24/mais!/26.html>. Acesso em: 14 jan. 2014.

NICOLACI-DA-COSTA, A M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 18, n. 2, ago. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2014.

NORMAN, D. Les artefact cognitifs. **Raisons Pratiques**, Paris, l'École des Hautes Etudes em Sciences Sociales, n. 4. 1993.

PASSOS, E. Modelo máquina e subjetividade. **Revista de Arte: Rio-Arte**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 40-49, [s.d.].

_____. **O sujeito cognoscente entre o tempo e o espaço**. 1992. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

PELLANDA, E. C. **Um olhar complexo sobre a internet móvel e o rompimento do cordão umbilical com a informação**. [s.d.]. Disponível em:

<www.ull.es/publicaciones/latina/bienaldecomunicacionmesa2.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2014.

POZZANA, L. A formação do cartógrafo. **Fractal, Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 323-338, maio/ago. 2013.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997, p. 19-24.

ROLNIK, S.; GUATTARI, F. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ROMÃO-DIAS, D.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais: algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, v. 25, n. 1, p.70-87, 2005.

SANCOVSCHI, B. **Sobre as práticas de estudo dos estudantes de psicologia: uma cartografia da cognição contemporânea**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SANCOVSCHI, B.; KASTRUP, V. Ressonâncias entre a abordagem enativa e a psicologia histórico-cultural. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 20, p. 165-182, 2008.

SANTAELLA, L. A ecologia pluralista das mídias locativas. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 37, 2008a. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/%20viewFile/4795/3599>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

_____. A estética política das mídias locativas. **Nômadias**, n. 28, 2008b. Disponível em:<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/colombia/iesco/nomadas/28/12estetica.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

_____. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOUZA E SILVA, A. Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. ARAÚJO, D. C. (Org.). **Imagem (ir)realidade**: comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

TURKLE, S. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada**: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIRILIO, P. **Entrevista**. 2011. Disponível em:

<www.diarioliberalde.org/index.php?option=com_content&view=article&id=16682:entrevista-ao-filosofo-frances-paul-virilio&catid=99:batalha-de-ideias&Itemid=113>.

Acesso em: 16 dez. 2013.

_____. **O Espaço Crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **A Máquina de Visão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____. **Estratégia da decepção**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____. **Guerra e Cinema**. São Paulo: Boitempo, 2005.

VIRILIO, P. LOTRINGER, S. **Guerra pura**. Tradução de Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

WIKIPEDIA. **Enciclopédia Livre**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/>>.

Acesso em: 11 nov. 2014.